

INCE[RE]TE[RE]ZAS EM GAIA



CÁTEDRA
ARTE & NATUREZA

PROCESSOS HÍBRIDOS

ICESCO UFRGS

INCERTEZAS
EM GAIA

Copyright © Sandra Rey

1ª edição: 2023.

Todos os direitos reservados.



BRASIL
CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO
IBRAC - INSTITUTO BRASILEIRO DE PESQUISA E DESENVOLVIMENTO
DE INFORMAÇÃO E DOCUMENTAÇÃO



CÁTEDRA
ARTE & NATUREZA
PROCESSOS HÍBRIDOS
ICIESCO em UFRGS



UFRGS
UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Incertezas em Gaia [livro eletrônico] / curadoria
Sandra Rey. -- Porto Alegre, RS : Ed. da Autora,
2023.
PDF

ISBN 978-65-00-74650-1

1. Artes visuais 2. Exposições - Catálogos
3. Natureza I. Rey, Sandra.

23-164249

CDD-730.920981

Índices para catálogo sistemático:

1. Artes : Brasil : Exposições : Catálogos
730.920981

INCERTEZAS EM GAIA

CURADORIA Sandra Rey

MACRS

**Museu de Arte Contemporânea
do Rio Grande do Sul**

Galerias Xico Stockinger
e Fotogaleria Virgílio Calegari
16 de março a 18 de junho de 2023

Centro Cultural da UFRGS

16 de março a 12 de maio de 2023

SUMÁRIO CONTENTS

01 APRESENTAÇÃO / 07
PRESENTATION

02 EXPOSIÇÃO / 23
EXHIBITION

03 ARTISTAS E OBRAS / 38
ARTISTS AND WORKS

04 EDUCATIVO / 99
EDUCATIONAL

05 BIOGRAFIAS / 103
BIOGRAPHIES

06 FICHA TÉCNICA / 109
DATASHEET



APRESENTAÇÃO
PRESENTATION

ADRIANA BOFF

Diretora do Museu de Arte Contemporânea do RS
Director of the Museum of Contemporary Arts of RS

O Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul – MACRS, vinculado à Secretaria de Estado da Cultura – SEDAC, é uma instituição museológica voltada à pesquisa, difusão e preservação do patrimônio das artes visuais sob sua proteção, através da promoção de atividades e ações de caráter instrutivo e formativo que reforçam a potencialidade do museu em criar espaços que estimulem aprendizagens múltiplas e colaborativas, a partir da interação entre o público e produções artísticas contemporâneas. Compreendendo a importância de preservar e qualificar o acesso ao patrimônio artístico, o MACRS direciona seus esforços para a difusão e socialização de seu Acervo e para a produção de artes visuais, através de exposições. Nesse sentido, o Museu traz ao público a exposição “Incertezas em Gaia”, com a curadoria de Sandra Rey. A exposição, fruto do acordo internacional entre o Departamento de Cultura da Organização do Mundo Islâmico para Educação, Ciência e Cultura – ICESCO, e o Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da UFRGS, integra o programa de exposições do Museu, em 2023. Através da interação com a ICESCO e a UFRGS, a exposição “Incertezas em Gaia” reforça a cooperação entre o Museu e a “Cátedra Arte e Natureza, Processos Híbridos” contribuindo para consolidar a missão do MACRS em estabelecer diálogos entre o seu Acervo e a multiplicidade de saberes e culturas, possibilitando a produção de conhecimento e o intercâmbio de experiências dos públicos com a arte, e assim divulgar a arte contemporânea e a cultura brasileira, colocando-a em relação com manifestações de outras culturas.

The Museum of Contemporary Art of Rio Grande do Sul – MACRS, linked to the State Department of Culture (SEDAC), is a museum institution dedicated to research, dissemination and preservation of the visual arts heritage under its protection by promoting educational and training activities and actions to strengthen the museum’s potential to create spaces that stimulates multiple and collaborative learnings from the interaction between attendees and the contemporary art production. Understanding the importance of preserving and qualifying the access to the artistical heritage, MACRS focuses its effort on the diffusion and socialization of its archives and on the production of visual arts through exhibitions. In this sense, the museum presents the exhibition “Uncertainties in Gaia”, curated by Sandra Rey. The exhibition – that is a result of the international agreement between the Department of Culture of the Islamic World Organization for Education, Science, and Culture (ICESCO) and the Graduation Program in Visual Arts of UFRGS – integrates the exhibitions programs of the museum for 2023. Through the interaction with ICESCO and UFRGS, “Uncertainties in Gaia” strengthens the cooperation between the Museum and the “Chair of Arts and Nature, Hybrid Processes”, thus contributing to consolidate the MACRS’ mission of establishing dialogs between its Archive and multiple learnings and cultures, allowing the production of knowledge and the exchange of experiences between attendees and arts, and disseminating contemporary art and the Brazilian culture in relation to other cultures.

INCERTEZAS EM GAIA UNCERTAINTIES IN GAIA

SANDRA REY

Curadora da exposição

Diretora da Cátedra e Representante da ICESCO junto à UFRGS

Curator of the exhibition

Chair Director and Representative of ICESCO at UFRGS

A exposição “Incertezas em Gaia” reúne trabalhos de artistas que se nutrem de distintas reflexões sobre a vida na Terra. No momento em que o mundo contemporâneo atravessa uma crise ecológica, política, econômica, e social, sem precedentes, como as incertezas que cercam nosso destino no Planeta fomentam, friccionam, provocam, e impulsionam as práticas e os processos na arte? Como projetar linhas de fuga e delinear horizontes possíveis? O termo Gaia formula a tese da Terra como um conjunto de seres vivos e matéria que foram feitos juntos, que não podem viver separadamente, e do qual o homem não pode se extrair. O conceito faz referência à deusa que encarna a Terra na mitologia grega, mas não inclui a ideia de Natureza como algo frágil, ou como foi imaginada desde o século XVII, esta Natureza que constituiu o plano de fundo das nossas ações, que serve de complemento à subjetividade humana.

Nada está mais distante dessa definição: a ideia de Gaia não é acrescentar uma alma ao globo; a “hipótese de Gaia”, teoria desenvolvida nos anos 1960 pelo cientista britânico James Lovelock, apresenta uma interpretação de Gaia como um sistema de auto-organização instável, reconhecendo a prodigiosa criatividade dos vivos para moldar seu próprio mundo. Gaia é essa figura ímpar, duplamente composta de ciência e mitologia, que designa nosso planeta – a Terra – nosso habitat, nossa casa e abrigo, na inimaginável amplidão do Universo.

A consciência de vivermos numa época que pode ser identificada como Antropoceno, soa um sinal de alarme em nossas cabeças. O termo sugere explicitamente a ideia de a cultura ter-se tornado uma força interferindo nos processos biológicos, atuantes no planeta. O termo Antro-

The exhibition “Uncertainties in Gaia” gathers work from artists who feed on different considerations about life on Earth. At a moment when the contemporary world goes through unprecedented ecological, political, economic and social crises, how do the uncertainties that surround our fate in this planet nurture, shake, provoke and drive the processes and practices in Art?

How to design escape routes and define possible horizons? The term Gaia poses the thesis that the Earth is a set of living beings and matter built together, that cannot live separately from each other, and from which mankind cannot be removed. The concept refers to the goddess that embodies Earth in Greek mythology, but does not incorporate the idea of Nature as it has been envisioned from the XVII century on – this Nature that has been the background for our actions and that complements our human subjectivity.

Nothing is further away from this definition: the idea of Gaia is not to add a soul to the globe; the “Gaia hypothesis”, theory developed in the 1960’s by the British scientist James Lovelock presents an interpretation of Gaia as an unstable self-organized system and acknowledges the incredible creativity of living beings to shape their own world. Gaia is this uneven figure, composed by both Science and mythology, that designates our planet – the Earth – our habitat, our home and shelter, in the unimaginable vastness of the Universe.

The awareness that we live in a time that can be identified as the Anthropocene, sounds as an alarm call in our minds. The term explicitly suggests the idea that culture has become a power that interferes with the biological processes working on the planet. The term An-

poceno designa uma nova época geológica que teria começado com a revolução industrial, e é caracterizada pelo advento da humanidade como a principal força de mudança na Terra, sobrepondo-se às forças geofísicas. O impacto destas modificações vai além das flutuações naturais, em particular ao nível do clima planetário e dos grandes equilíbrios da biosfera.

Resulta que a ação humana que até então causava efeitos locais, agora tem efeitos globais. Segundo Günther Anders (1960), o contemporâneo não se caracteriza por uma crise no tempo e no espaço, mas por uma crise do tempo e do espaço. O tempo e o espaço não são o cenário da luta política, são seu objeto, não são mais as condições, são condicionados, assim, por conta dos imprevistos da história humana, aquilo que agrupamos sob o nome de Natureza sai de segundo plano, e entra em cena.

Sem a intenção de reunir trabalhos por afinidade formal ou conceitual, a proposta desta exposição é valorizar e valorizar as diferenças e os diálogos, e atualizar modos de fazer e de pensar cenários e temas sobre incertezas que cercam a vida no planeta. Os artistas convidados para essa primeira mostra que marca o início das atividades públicas da “Cátedra Arte e Natureza, Processos Híbridos”, estão profundamente engajados no desenvolvimento deste projeto que visa o desenvolvimento e expansão da arte e do pensamento sobre arte, em âmbito nacional e internacional, com ênfase especial nas produções ligadas às investigações sobre as relações e tensões que envolvem a natureza e a cultura contemporânea.

O recorte curadorial é composto pelos artistas Nivalda Assunção de Brasília, Hugo Fortes de São Paulo, Irineu Garcia, Tetê Barachini, Elaine Tedesco, Sandra Rey, de Porto Alegre. Hala Al Khalifa, artista do Bahrein, e Siham Issami, artista visual e escritora radicada em Berlim, na Alemanha, integram a rede internacional da ICESCO e nos prestigiam com suas instalações. Prestamos uma homenagem especial à artista e crítica de arte francesa Éliane Chiron (*in memoriam*), que durante muitos anos colaborou com o desenvolvimento da pesquisa em Poéticas Visuais no Instituto de Artes, e nos deixou em 2021. Suas obras, que apresentamos, fazem parte da coleção do MACRS.

A exposição marca o início das atividades públicas da “Cátedra Arte e Natureza, Processos Híbridos”, no acordo de cooperação internacional firmado entre a ICESCO e a UFRGS, em abril, 2022, – e inaugura a cooperação do MACRS, e do Departamento de Cultura da UFRGS, como instituições parceiras do projeto.

thropocene designates a new geological era starting with the industrial revolution and characterized by the advent of humanity as the main power driving change on the planet, overcoming geophysical forces. The impact of these changes goes beyond natural fluctuations, particularly in regards to the planet’s climate and the balance of the biosphere.

It so happens that the human action that used to have local effects, now have global effects. According to Günther Anders (1960), contemporary time is not characterized by a crisis in time and space, but by a crisis of time and space. Time and space are not the scenario of the political struggle, they are the object; they are no longer the conditions, they are conditioned, thus, to the contingencies of the human story; what we group under the name Nature leaves the background and takes the stage.

Far from the intention of gathering works by formal or conceptual affinity, the proposal is to value differences and dialogs, and to upgrade modes of thinking and designing scenarios and subjects about the uncertainties that surround life on the planet. The national artists, invited to this first exhibition that marks the beginning of the public activities of the “Cátedra Arte e Natureza, Processos Híbridos” (“Chair Arts and Nature, Hybrid Processes”), are deeply engaged with the development of the project that aims to advance and expand art and art thinking, nationally and internationally, highlighting productions related to the relationships and conflicts involving Nature and contemporary culture.

The curatorship is carried out by the artists Nivalda Assunção from Brasília, Hugo Fortes from São Paulo, Irineu Garcia, Tetê Barachini, Elaine Tedesco, and Sandra Rey from Porto Alegre. Hala Al Khalifa, from Bahrein, and Siham Issami, visual artist and writer based in Berlin, Germany, integrate the international network of ICESCO and honor us with their installations. We pay a special homage in memoriam to the French artist and arts critic Éliane Chiron, who has collaborated to the development of the research in Visual Poetics at the Institute of Arts for Years, and left us in 2021. Her work, presented in the exhibition, is part of the MACRS collection.

The exhibition marks the beginning of the public activities of the “Chair Arts and Nature, Hybrid Processes”, in the international cooperation agreement between ICESCO and UFRGS, signed in April of 2022 – and launches the cooperation with MACRS, and the Department for Culture of UFRGS, as partner institutions in this project.

A atuação de **Éliane Chiron** como crítica de arte é marcada por análises que buscavam estabelecer relações entre leituras sobre as obras acabadas balizadas por dados a respeito do processo de criação do artista para desvendar o que julgava ser os significados ocultos das obras analisadas. Em suas pesquisas e produção se investia em renovar a linguagem da pintura através de tecnologias atuais, produzindo pinturas digitais e vídeos a partir de fotografias tiradas em viagens.

As obras “Pétrole à Ipanema I” e “Pétrole à Ipanema II” foram realizadas a partir de fotografias da praia de Ipanema, tiradas da janela do hotel, no Rio de Janeiro, quando esteve de passagem em 2014. As imagens fotográficas foram subvertidas em resolução pictóricas através de exaustivo trabalho de transformação das cores e distorção das formas, pixel por pixel, no computador. O resultado impacta por contrastes entre zonas de diversos tons de cinza que criam uma atmosfera sombria e opaca, em discrepância com vibrantes tons de rosa e magenta. A realidade das cenas quase se desfaz solicitando do observador um esforço perceptivo para distinguir as formas de uma paisagem imaginada pela artista ao avistar plataformas petrolíferas ao largo horizonte, e pensar que uma possível maré negra pudesse atingir a praia... Coincidentemente, no período em que essas obras foram apresentadas pela primeira vez em exposição no MACRS, em 2019, o Brasil confrontava-se com o derramamento de petróleo, na costa do Nordeste, que inundou as praias brasileiras do líquido negro e viscoso provocando uma catástrofe ecológica de danos inestimáveis à fauna e à flora costeira.

Hala Al Khalifa, artista engajada em trabalhar sob a égide da cultura e da diplomacia, promovendo exposição, conferências, projetos de arte pública que colocam em evidência as características peculiares de sua nação. A inspiração do vídeo performance apresentado pela artista reflete sua forte conexão com a terra natal, o pequeno país insular do Golfo Pérsico, famoso desde a antiguidade por sua pesca de pérolas, consideradas as melhores do mundo no século XIX. A instalação “SEA” encena uma homenagem aos milhares de pescadores de pérolas que ao longo da história do País partiam para sempre, no mar, mergulhando cada vez mais profundo em busca da pérola mais preciosa. Através de metáforas, o vídeo encena simbolicamente a espera das mulheres por seus filhos, companheiros, amantes e maridos que adentram o mar profundo e não retornam, a música, soa como

Éliane Chiron’s performance as an art critic is marked by analyses that sought to establish relationships between readings of the finished works based on data on the artists’ creation processes to unravel what she deemed as the hidden meanings of the works. In her studies and production, she invested in renewing the language of pain-ting using modern technologies, producing digital pain-tings and videos from pictures taken in trips.

The works “Pétrole à Ipanema I” and “Pétrole à Ipanema II” were created from photographs of the beach of Ipanema, taken from the hotel window, in Rio de Janeiro, during a trip in 2014. The photographs were subverted to pictorial resolution through an exhaustive work of transforming colors and distorting forms, pixel by pixel, in the computer. The result is impacting due to the contrasts between zones with several shades of gray that create a dim and opaque atmosphere, and the vibrating shades of pink and magenta. The reality of the scenes is almost undone, requiring a perception effort from the observer to distinguish the shapes in a landscape imagined by the artist at the view of oil platforms on the horizon and the idea of a possible black tide reaching the beach... Coincidentally, when these works were exhibited for the first time in MACRS, in 2019, Brazil was facing an oil spill at the north-east coast that flooded the Brazilian beaches with the black and viscous liquid provoking an ecological catastrophe with damages to the coast’s fauna and flora beyond estimation.

Hala Al Khalifa is an artist engaged with working under the aegis of culture and diplomacy, promoting exhibitions, conferences, and public arts projects that highlight the particular aspects of her nation. The inspiration for the video performance presented by the artist reflects her strong connection with her homeland, the small island country in the Persian Gulf, famous since ancient times for the pearl fishing, which was considered the best in the world in the XIX century. The installation “SEA” pays a homage to the thousands of pearl fishermen, who who throughout the country’s history have set sail forever, out to sea, diving deeper and deeper in search of the most precious pearl. Using metaphors, the video stages symbolically the women’s wait for their sons, companions, lovers and husbands who would leave for the deep sea and never come back; the music sounds like a mourning while the artist draws circles in the sand around the

um lamento enquanto a artista traça círculos na areia em volta do cesto destinado à colheita das pérolas e senta-se para – pacientemente – amarrar fitas negras na trama do cesto, simbolizando as vidas perdidas.

Siham Issami é uma artista visual e escritora berlinesa, seu trabalho enfatiza as conexões entre ciência, arte, música e literatura.

A instalação “Das Lied von der Erde; probe1” (canção da Terra, Tentativa #1) consiste em um espaço reservado, fragilmente fechado, criado através de camadas de papel chinês caindo do teto como véus. Dentro deste espaço, ao fundo, a parede é coberta pela impressão da partitura da sinfonia de Gustav Mahler, por sua vez recoberta por camadas de papel chinês; esta camada é fixada por longos bastões de Bambu de cada lado, direito e esquerdo, para formar uma tela para a projeção de vídeo.

O vídeo é composto por dois elementos: som e imagens. A parte sonora consiste em transcrições para flauta, da própria artista, de cinco temas musicais específicos da Sinfonia de Mahler “Das Lied von der Erde”, começando com as cinco notas da escala pentatônica em cinco tonalidades diferentes. Estas transcrições foram tocadas por um aluno de flauta muito jovem, Arthur Marchand (14 anos), e foram gravadas na Igreja Herz Jesu (Alt-Lietzow) em Berlim. A parte das imagens consiste em uma seleção de referências visuais aos quatro elementos: Terra, Água, Ar, Fogo dos pintores chineses da via excêntrica começando com o Caos primordial de Zun Derun de 1362 e continuando com Zuh Da (1626-1705) Li Shan (1686-1762), Hua Yan (1682-1756), Gao Fangahn (1683-1748), Huang Shen (1687-v. 1772) e Shitao (1642-1707). O som é tocado alternativamente com as imagens, de modo que o som é ouvido sem projeção e as imagens são vistas sem som, porém em sequência cronometrada com muita precisão.

Nivalda Assunção é artista visual, arquiteta e professora no Instituto de Artes da UnB. Seu trabalho coloca em relação o corpo com a paisagem a partir de pesquisas que desenvolve sobre o bioma do cerrado. A artista explora diversas técnicas e linguagens em suas instalações que valorizam os saberes manuais, o contato direto com a terra, e reverencia as culturas tradicionais dos povos originários do Brasil.

Hugo Fortes é artista visual, curador, designer e professor na ECA-USP. Vem desenvolvendo pesquisas voltadas para as relações entre arte e natureza, ressaltando questões

basket intended for the pearls harvest and sits patiently tying black ribbons in the basket’s mesh, representing lost lives.

Siham Issami is a Berliner visual artist and a writer, her work emphasises the connections between science, art, music and literature.

The installation “Das Lied von der Erde; probe1” (Earth’s song, Attempt #1) consists of a fragile closed space created through layers of Chinese paper falling from the ceiling like veils. Inside this space in one side, the wall is covered by the entire print of the score of Gustav Mahler’s symphony, which is covered in its turn with a layer of Chinese paper; this layer is fixed by long Bambu sticks from each side right and left, in order to form a screen for the video projection to come.

The video projection taking place in it has two component: sound and images. The sound part consists on five transcriptions for flute by the artist herself of five specifics musical themes from Mahler’s Symphony “Das Lied von der Erde”, starting with the five notes of the pentatonic scale in five different tonalities. These five transcriptions where played on Flute by a very young music pupil, Arthur Marchand (14 years old) and were recorded in the Church Herz Jesu (Alt-Lietzow) in Berlin. The images part consist of a selection of visual references to the four elements: Earth, Water, Air, Fire from the Chinese painters of the eccentric way starting with the primordial Chaos of Zun Derun from 1362 and continuing with, Zuh Da (1626-1705) , Li Shan (1686-1762), Hua Yan (1682-1756), Gao Fangahn (1683-1748), Huang Shen (1687-v. 1772) and Shitao (1642-1707), a long with representations by Siham Issami of those same Elements. The sound is played alternatively with the images, so that the playing is heard without projection and the images are seen without sound, but in very precisely timed sequel.

Nivalda Assunção is a visual artist, architect and teacher at the Institute of Arts of UnB. Her work places body and landscape in perspective from studies she develops about the Cerrado biome. The artist explores several techniques and languages in her installations to value handiwork knowledge, the direct contact with the land and the traditional culture of the Brazilian indigenous peoples.

Hugo Fortes is a visual artist, curator, designer and teacher at ECA-USP. He has been developing studies aimed

relativas às florestas, aos animais e à água. Artista eclético, explora diversos meios de expressão em instalações, vídeos e obras bidimensionais. No período de recolhimento durante a pandemia dedicou-se a um retorno ao desenho e à pintura a partir de referências visuais coletadas em residências artísticas que realizou na floresta amazônica.

Irineu Garcia é escultor e arquiteto voltado para a preservação do meio ambiente e inter-relações com a natureza. Seu trabalho explora diferentes materiais, como pedra, madeira, metal, gelo, fogo, e resíduos e materiais descartados, em processos artísticos que denunciam o desgaste da natureza em obras instaladas em espaços abertos, em diversos países. É o fundador e presidente do Instituto Yvy Maraey - Arte e Natureza, em Porto Alegre, instituição parceira da “Cátedra Arte e Natureza, Processos Híbridos”.

Tetê Barachini é artista, pesquisadora e professora no Instituto de Artes da UFRGS. Realiza deslocamentos com base em cartografias urbanas e em zonas periféricas, articuladas a investigações que resultam em objetos tridimensionais cujas instalações potencializam a expressão poética pelo contato de materiais maleáveis e rígidos, orgânicos e tecnológicos. Em uma de suas incursões, encontra e apropria-se de um tronco de madeira queimada e a transforma em modelo para realizar várias réplicas – gesso, alumínio, bronze, parafina com grafite –, e as apresenta recontextualizadas e ressignificadas dentro de grandes sacos de plástico transparente, preenchidos em parte de carvão, dobrados sobre si mesmos e suspensos, na galeria. É coordenadora do Projeto na Cátedra junto à UFRGS.

Elaine Tedesco é artista plástica, professora no Instituto de Artes da UFRGS, atuando na área de fotografia. Suas fotos, vídeos e instalações encenam relações subjetivas entre personagens e objetos, criando cenas e situações suscetíveis de despertar percepções profundas dos fenômenos, e operar surpreendentes modos de encontro com o mundo. As fotografias que apresenta, “Entre o repouso e o isolamento” e “Areias Brancas”, ultrapassam os contextos da experiência da artista, repercutindo espaços e situações ambíguas, insituáveis no tempo, incitando o observador evocar outras tramas e significados, a partir de suas próprias memórias e experiências.

at the relationship between art and nature, highlighting issues related to the forests, animals and water. As an eclectic artist, he explores several means of expressing himself in installations, videos and bidimensional works. During the reclusive period of the pandemic, he has been devoted to resume drawing and painting using visual clues collected in artistic residences he took in the Amazon forest.

Irineu Garcia is an sculptor and architect focused on preserving the environment and the inter-relations with nature. His work explores different materials such as stones, metal, ice, fire and waste and discarded objects in artistic processes that denounce the wearing out of nature in works installed in open places in several countries. He is the founder and president of the Yvy Maraey Institute - Art and Nature, in Porto Alegre, a partner institution of the “Chair Arts and Nature, Hybrid Processes”.

Tetê Barachini is an artist, researcher and teacher at the Institute of Arts of UFRGS. She travels guided by urban and peripheral cartographies articulated with investigations that result in tridimensional objects whose installation maximize the poetic expression through the contact with malleable and rigid, organic and technological materials. In one of her incursions, she finds and appropriates a burnt wood trunk and transforms it into a model to make several replicas – plaster, aluminum, bronze, paraffin with graphite –, and presents them recontextualized and re-signified inside large transparent plastic bags, filled in part of coal, folded on themselves and suspended in the gallery She is also the coordinator of the project at the Chair along with UFRGS.

Elaine Tedesco is a plastic artist, teacher at the Institute of Arts at UFRGS, and works in photography. Her photos, videos and installations stage subjective relationships between characters and objects, creating scenes and situations to evoke deep perceptions of the phenomena and operate surprising modes of meeting the world. The photographs she presents, “Between Rest and Isolation” and “Areias Brancas”, go beyond the contexts of the artist’s experience, reverberating ambiguous spaces and situations, implied in time, inciting the observer to evoke other plots and meanings, from their own memories and experiences.

No meu trabalho a fotografia, essa tecnologia de reprodução do visível, permite captar as coisas em ato de pura imanência e manter a referência das coisas e dos lugares atravessados para recriá-los em estúdio pela interferência de tecnologias digitais. Situo meu projeto artístico em um debate sobre as profundas transformações de nosso tempo, buscando extrair experiências estéticas a partir de questões relacionadas à natureza e ao meio ambiente, tensionadas por assimetrias a que estamos subordinados na vida contemporânea.

Integra a exposição, a mostra de vídeos apresentada no Centro Cultural da UFRGS.

A heterogeneidade das abordagens, materiais, modos de fazer e técnicas exploradas nas obras apresentadas, assim como a diversidade das origens e percursos de cada artista, reflete os propósitos da “Cátedra Arte e Natureza, Processos Híbridos” em estimular conexões inexploradas e colaborações além-fronteiras. Entre suas metas, ao acolher diversas narrativas que colocam em cena experiências subjetivas marcadas por questões sociais e existenciais diversas, está o desejo de expandir a arte contemporânea colocando a cultura brasileira em relação com manifestações de outras culturas.

In my work, photography – this technology for the reproduction of what is visible – allows capturing things in an act of pure immanence and keeping reference of things and places and recreating them in the studio using digital technology. I place my arts project in a debate about the deep transformations of our time, seeking to extract aesthetical experiences from issues related to nature and the environment, tightened by asymmetries to which we are subjected in our contemporary life.

The video display presented at the Culture Center of UFRGS integrates the exhibition.

The heterogeneity of the approaches, materials and techniques explored by the works presented, as well as the diversity of origins and pathways of each artist reflects the purposes of the Chair of Art and Nature, Hybrid Processes to stimulate unexplored connections and collaborations beyond borders. Among its goals, while fostering several narratives that stage subjective experiences marked by social and existential issues, is the wish to expand contemporary art, establishing a relationship between the Brazilian culture and manifestations of other cultures.

MOHAMED ZINELABIDINE

Ministro dos Assuntos culturais da República da Tunísia (2016-2020)

Diretor do Setor de Cultura, Comunicação et Patrimônio, ICESCO

Minister of Cultural Affairs of the Republic of Tunisia (2016-2020)

Director of Culture and Communication at ICESCO

Minha amiga, a artista e professora universitária Sandra Rey, titular da Cátedra ICESCO Arte e Natureza, Processos Híbridos, dá-me a honra e, desde já, expresso meus agradecimentos por escrever este texto para apresentar a exposição “Incertezas em Gaia”, exposição emblemática realizada parcialmente no Museu de Arte Contemporânea do RS, Porto Alegre, na Galeria Xico Stockinger e Fotogaleria Virgílio Calegari, onde reuniu em torno de si as artistas Elaine Tedesco (BR), Éliane Chiron (FR, *in memoriam*), Hala Al Khalifa (BAHRAIN), Nivalda Assunção (BR), Siham Issami (ALEMANHA), Tetê Barachini (BR), e os artistas Hugo Fortes (BR), Irineu Garcia (BR). Paralelamente, uma exibição de vídeo no Centro Cultural da UFRGS, estando toda a mostra programada de 16 de março a 18 de junho de 2023.

“Incertezas em Gaia” é uma promessa mantida por artistas reconhecidos, a fim de lembrar ao mundo o seu dever para com a humanidade, invocando a terra, a natureza e a cultura para criar um entendimento comum e uma melhor convivência. Uma promessa feita de lucidez e esperança, sem nunca esconder do humano o seu gênio para criar, ser livre e partilhar as suas visões do mundo e do globo. No entanto, para Sandra Rey e para os artistas expositores, trata-se aqui de fazer soar um sinal de alarme nas nossas cabeças. O termo sugere explicitamente a ideia de a cultura agir como uma força que interfere nos processos biológicos que operam no Planeta. Um grito de alerta para chamar a atenção, conscientizar e agir contra os perigos que incorrem o nosso presente e o grave tempo geológico que vivemos com a revolução industrial, as mudanças na Terra, e a superação das forças geofísicas. Em vista dos desequilíbrios planetários, há boas razões para nos preocuparmos, mas será que nos tornamos suficientemente conscientes disso?

O que emerge é o empenho desses artistas que querem que as suas obras sejam um depoimento de um mundo contemporâneo, da sua crise ecológica, política, econômica, social, das suas ameaças num planeta que agora inspira o pior.

My friend, the artist and professor Sandra Rey, holder of the ICESCO chair Art and Nature, Hybrid Processes honors me with the opportunity of writing this text – and for that I express my gratitude – to present the exhibition “Uncertainties in Gaia”, an iconic exhibition partially held by the Museum of Contemporary Arts of RS, in the city of Porto Alegre, at Xico Stockinger Gallery and Virgílio Calegari Photogallery, where she gathered around herself artist such as Elaine Tedesco (BR), Éliane Chiron (FR, in memoriam) Hala Al Khalifa (BAHRAIN), Nivalda Assunção (BR), Siham Issami (GERMANY), Tetê Barachini (BR), Hugo Fortes (BR), and Irineu Garcia (BR). Simultaneously, a video exhibition is scheduled at the Cultural Center of the UFRGS from March 16 to June 18 of 2023.

“Uncertainties in Gaia” is a promise held by recognized artists in order to remind the world of its duty to humanity, calling upon the Earth, nature and culture to create a common ground and better coexistence. It is a promise kept out of lucidity and hope, without ever hiding the human genius to create, to be free and to share their world views. However, for Sandra Rey and the exhibiting artists, it is about sounding an alarm in our minds. The term suggests the explicit idea that culture is a power that interferes with the planet’s biological processes. A warning to raise awareness and a call for action against the dangers that incur in our present and the serious geological time we are living in with the industrial revolution, the changes on Earth and the overcoming of geophysical forces. In face of the planet’s imbalances, there are good reasons to worry, but are we sufficiently aware of that?

What emerges is the effort of these artists who want their works to be a statement of the contemporary world, of its ecological, political, and social crises and their threats to the planet that now inspires the worst.

Daí, as “Incertezas em Gaia”!

Agradeço a todos os protagonistas, artistas, criadores, makers, designers, técnicos, organizadores e administradores, e à Sandra Rey, por esta grande exposição que marca o início das atividades da “Cátedra Arte e Natureza, Processos Híbridos”.

A título de homenagem póstuma à Éliane Chiron, amiga comum a nós, Sandra e eu, gostaria de anexar este fragmento de texto que estou escrevendo sobre a poiética, a visualidade, o silêncio e o som nos caminhos imprevisíveis da criação, e seu comportamento criativo:

Feita por acasos e vontade de letras confusas, por metalinguagem, e escritas anacrônicas, na arte há transgressão do *habitus*, ordem desordenada, forma escapando de si mesma e conteúdos que alguns interpretaram indiscriminadamente, fora de seus elementos ou razões teleológicas. A arte seria a apresentação liberta de qualquer a priori dando lugar a uma representação mais permissiva, aberta ao sentido que lhe dá Paul Valéry, para quem a *aesthesis* é esta recepção da obra uma vez que deixará de pertencer aos seus autores, e finalmente solta-se à livre recepção do observador. “O Espírito do Destino” envolverá o autor como artista, através de diversas escritas poéticas, pictóricas, sonoras nos caminhos duvidosos de encontros inusitados, com temporalidades anacrônicas, em busca de um “impensado poiético” onde o autor escapa e foge do convencional, do estabelecido, da hierarquia, do previsível para voltar ao que tememos que aconteça, como prova do estado da arte e do pensamento.

Uma obra, ou um trabalho de arte – depende – da conduta criativa liberta do conformismo, com uma abordagem pouco convencional, para não dizer incerta, ao sabor dos puristas. Uma forma de rejeitar, como o faz Paul Valéry¹, a função estética de que a obra de arte é determinada pelo que Genette chamou de sua finalidade principal que seria como um meio qualquer, a serviço de seu fim.

Assumo plenamente a escolha para que a arte seja irreversivelmente uma libertação de estereótipos e uma evasão para a aventura. Uma aventura poética, sonora, visual e da escrita que se entrega a si mesma, ao empuxo e ao arbítrio do branco da página, do branco da partitura, do branco metafórico de um espírito que vagueia ao acaso pelo seu caminho. Ou, dizendo com Éliane Chiron², “resgatar o enigma do visível e a dificuldade da argumentação discursiva da obra, ver o que não necessariamente vemos, ouvir o que não é arbitrariamente audível”.

Assim os observadores percorrem caminhos pessoais da razão e da intuição para unir-se a esses comportamentos criativos que se vestiram de voz, de letra, de signo, e

From there comes “Uncertainties in Gaia”!

I thank all the protagonists, artists, creators, makers, designers, technicians, organizers and managers and Sandra Rey for this great exhibition that marks the beginning of the activities of the “Chair Arts and Nature, Hybrid Processes”.

As a posthumous tribute to Éliane Chiron, a friend of mine and Sandra’s, I would like to add this excerpt of a text I am writing about the poetics, the visuals, the silence and the sound in the unpredictable pathways of creation and its creative behavior:

Done by chance and will of confused letters, by metalanguage and anachronistic writings, there is transgression of the habitus in the arts, disordered order, shape escaping itself and contents that some might interpret indiscriminately, out of its elements or teleological reasons. Art would be the presentation free from all a priori, giving room to a more permissive representation, open to the sense given by Paul Valéry, to whom aesthesis is this reception of the work, given that it ceases to belong to its author and is finally released to the free interpretation of the observer. “O Espírito do Destino (The spirit of Destination)” will involve the author as an artist through several poetic, pictorial, resounding writings, in the dubious pathways of unusual meetings, with anachronistic temporalities, seeking for a “poietic unprecedented” where the author escapes and avoids the conventional, the establishment, the hierarchy, the predictable to return to what we fear, as a proof of the state of the art and thinking.

A work or a piece of art depends on the creative conduct freed from conformism, with a little conventional, not to say uncertain, approach to the taste of purists. A way of rejecting, as done by Paul Valéry¹, the aesthetic function of the work of art as its main purpose, as named by Genette, that would be as any means, serving its own purpose.

I fully accept the choice to irreversibly make arts be the liberation from stereotypes and escape to adventure. A poetic adventure, sound, visual and bookkeeping that surrenders itself, to the the white of the page, the white of the sheet music, the white metaphorical of a spirit that wanders by chance on its way. A poetic adventure, sound, visual and writing that surrenders itself, to the the white of the page, the white of the score, the white metaphorical of a spirit that wanders by chance on its way. Or, as Éliane Chiron² used to say, “to rescue the enigma of the visible and the difficulty of the work’s discursive argument, to see what we do not necessarily see, to hear what is not arbitrarily audible”.

de símbolo nessas questões que envolvem acasos, e o impensado nas artes. Como que para unir práxis e poiesis, uma artista itinerante como Éliane Chiron foi em “A artista migrante”, “Desenho e corpo criativo”, “O trabalho em processo, cruzamentos, entrecruzamentos”, “Espaço e lugar”, onde descreveu suas relações com as obras, e as tensões e os encontros que compartilhou com, e em torno, da arte de Marcel Duchamp, de Pablo Picasso, de Henri Matisse e de Niki de Saint-Phalle.

Entre a imanência da práxis no pensamento aristotélico e a poiesis que é, pelo contrário, sua ação transitiva distinta do ato que a produz, por que não tentar uma filosofia da práxis ou talvez uma nova prática da filosofia e do impensado que somente a arte consegue testemunhar?

Os significados prolíficos da arte muitas vezes definem sua diversidade como um lugar de pensamento comum e realização diferenciada, onde todos desenvolvem, ao mesmo tempo, sua própria singularidade e alteridade. Acontece que os artistas expressam um você singular neles, um comum plural compartilhado de outra forma. Um manifesto poiético e poético, um latente psíquico e emocional, um passado próximo e distante.

Cécile Cloutier, poetisa, apresenta a poiética como “o fazer da obra de arte”. Obras resultantes de um comportamento criativo “de uma arte que se faz”. Segundo René Passeron, a arte seria uma identidade, uma personalidade, um reconhecimento, uma marca, um substrato, universais genéricos acumulados desde a aurora dos tempos, clamando, todos ao mesmo tempo, mulheres e homens, naquilo que expressam sua humanidade?

Se a arte permite que nos expressamos coletivamente, é porque ela é, ao mesmo tempo, transfiguração dessa mesma expressão, ignorância, ausência, silêncio de um único ser que, no espelho de sua refração fixa, declina seus sentidos, seus objetos, suas sensações e suas ideias no plano estético, para se deixar compreender por si e pelo outro. Um ser vivo, intrínseco, extrínseco, singular, plural, comum, comunitário, individual e privado! É por meio dessa força que governa a arte e a faz reagir, que o artista toca a diversidade oferecendo uma obra capaz de refletir e realizar-se, a partir de si e em nome da comunidade.

Obrigado Sandra Rey, obrigado aos artistas de “Incertezas em Gaia” por nos dar a refletir, repensar, meditar e agitar nossas mentes e nossas certezas... para que se tornem incertezas e questionamentos do mundo e seus contratempos.

In this manner, the observers walk through personal pathways of reason and intuition to join these creative behaviors that were dressed as voice, letter, sign, and symbol in these issues that involve chance and the unprecedented in arts. As if to combine praxis and poiesis, an itinerant artist such as Eliane Chiron in “A artista migrante (The migrant artist)”, “Desenho e corpo criativo (Drawing and the creative body)”, “O trabalho em processo, cruzamentos, entrecruzamentos (Work in process, crossings, intertwining)”, “Espaço e lugar (Space and place)”, where she described her relationship with the works, the tensions and the meetings she shared with and around Marcel Duchamp’s, Pablo Picasso’s, Henri Matisse’s and Niki de Saint-Phalle’s art.

Between the immanence of praxis in the Aristotle thinking and poiesis, which, on the contrary, is the transitive action different than the act it produces, why not trying a philosophy of praxis, or perhaps a new practice of philosophy and the unprecedented that only arts can witness? The prolific meanings of art can often define its diversity as a place of common thought and unique performance, where everyone develop, at the same time, their own singularity and alterity. What happens is that the artists express a unique self in themselves, a common plural shared in another way. A poietic and poetic manifest, a psychic and emotional latent, a close and distant past.

Cécile Cloutier, poet, presents poietics as “the making of the art work”. Works resulting from a creative behavior “of an art that is made “. According to René Passeron, would art be an identity, a personality, an acknowledgment, a brand, a substract, generic universals accumulated since the dawn of time, shouting, all at once, men and women, what express their humanity?

If arts allow the expression of the collective, it is because it is, at the same time, the transfiguration of this expression, ignorance, absence, silence of a single being who, in the mirror of their fixed refraction, decline of their senses, objects, sensations and ideas in the aesthetic plan to be understood by the self and by the other. A living being, intrinsic, extrinsic, singular, plural, common, communal, individual and private! It is through this force that governs art and makes it react that the artist touches diversity, offering a work capable of reflecting and fulfill, from themselves and on behalf of the community. Thank you, Sandra Rey, thank you artists of “Uncertainties in Gaia” for making us reflect, rethink, meditate and agitate our minds and uncertainties... to make them uncertainties and interrogations about the world and its obstacles.

¹ VALERY (Paul), Introduction à la méthode de Léonard de Vinci, Paris, La Nouvelle Revue Française, 1919

Lire du même auteur “La Crise de l’esprit”, “Regards sur le monde actuel”, “Œuvres”, «Poésies», “Tel quel”, “Cahiers (1894-1914)”...

² CHIRON (Éliane), L’énigme du visible, Poïétique des arts visuels, préface de Jacques Leenhardt, Paris, Publications de la Sorbonne, 2013.

¹ VALERY (Paul), Introduction à la méthode de Léonard de Vinci, Paris, La Nouvelle Revue Française, 1919

Lire du même auteur “La Crise de l’esprit”, “Regards sur le monde actuel”, “Œuvres”, “Poésies”, “Tel quel”, “Cahiers (1894-1914)”...

² CHIRON (Éliane), L’énigme du visible, Poïétique des arts visuels, préface de Jacques Leenhardt, Paris, Publications de la Sorbonne, 2013.

RAIMUNDO RAJOBAC

Diretor do Instituto de Artes da UFRGS

Director of the Institute of Arts of UFRGS

A Direção do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul tem o prazer de apresentar a exposição “Incertezas em Gaia”, com curadoria da Profa. Sandra Rey, e destaca o acordo de cooperação firmado entre a Organização do Mundo Islâmico para Educação, as Ciências e a Cultura – ICESCO, e a UFRGS na criação da Cátedra para a arte contemporânea “Arte e Natureza: Processos Híbridos”, assim como saúda a fundamental parceria institucional com o Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul.

Cabe-nos considerar a relevância e o impacto desta iniciativa para o nosso Instituto de Artes, o qual – em pleno vigor de seus 115 anos – continua demonstrando a potência de seus trabalhos, produções, pesquisas, poéticas e criações. Numa perspectiva institucional, a criação da Cátedra é uma iniciativa de substancial importância acadêmica, artística, formativa, de internacionalização e de promoção das artes e da cultura. Com o Acordo ICESCO-UFRGS, e as parcerias com importantes instituições do Estado, evidencia-se o potencial do Instituto de Artes na condução de relações interinstitucionais e internacionais que nascem e erguem-se a partir do consolidado trabalho de artistas, pesquisadores e professores com alto nível de qualificação e inserção tanto no âmbito nacional, como internacional.

Considerando o momento atual, marcado pelas profundas transformações que vivemos em nível global, em todo Sistema Terra, a experiência através da arte explora pontos de vista capazes de promover encontros singulares com o mundo, com os objetos, fenômenos e situações. Para além da fruição que a exposição “Incertezas em Gaia” promove, as questões colocadas pelas obras incentivam reflexões suscetíveis de interrogar valores relativos à percepção do mundo natural em seus indissociáveis vínculos com a cultura. O intercâmbio de conhecimentos e experiências que se tornam possíveis a partir das iniciativas da

The board of directors of the Institute of Arts of the Federal University of Rio Grande do Sul – UFRGS is honored to present the exhibition “Uncertainties in Gaia”, curated by Profa. Sandra Rey, and which emphasizes the cooperation agreement between the Islamic World Organization for Education, Sciences and Culture – ICESCO, and UFRGS to create the Chair for the contemporary art “Arts and Nature: Hybrid Processes”, and welcomes the key partnership with the Museum of Contemporary Art of Rio Grande do Sul.

It is worth considering the relevance and impact of this initiative for our Institute of Arts, which – at the height of its 115 years – continues to demonstrate the power of its works, productions, researches, poetics and creations. From an institutional perspective, the creation of a Chair is an academic, artistic, and educational key initiative, as well as for the promotion of internationalization and dissemination of art and culture. With this ICESCO-UFRGS agreement, and the partnerships with important State institutions, the potential of the Institute of Arts for building inter-institutional and international relationships that are born and consolidated from the work of highly qualified and nationally and internationally acknowledged artists, researchers and teachers is strengthened.

Considering our time, marked by the deep transformations we are living globally, with the Earth’s system, the experience through art explores points of view capable of promoting unique encounters with the world, with objects, phenomena and situations. Beyond the fruition that the exhibition “Uncertainties in Gaia” promotes, the issues posed by the works lead to the interrogation of values regarding our perception of the natural world in their inextricable bond with culture. The exchange of knowledge and experiences that arise from the initiatives of the “Chair Arts and Nature: Hybrid Processes” sheds light on

“Cátedra Arte e Natureza: Processos Híbridos” põem em foco o fomento da criação artística, das relações inter-universitárias em diferentes regiões do mundo cujo caráter cultural, científico, e de pesquisas no ensino superior, ampliam relações e promovem a construção de conhecimentos. Para o Instituto de Artes trata-se de um marco histórico que consolida a qualidade de suas competências, e reafirma sua capacidade para o contemporâneo.

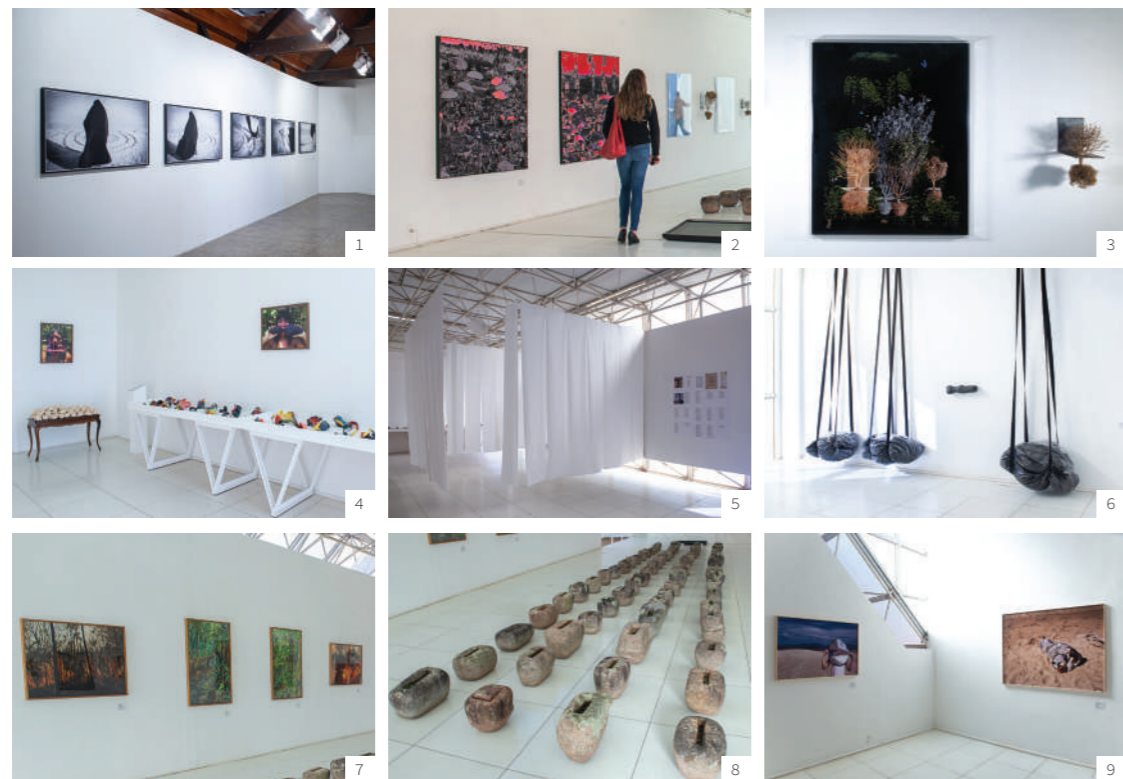
the promotion of the artistic creation, and the relationship between universities in different regions of the world, with characteristics of culture, scientific research in higher education that widens and promotes the production of knowledge. For the Institute of Arts, it represents a milestone that consolidates the quality of its skills and reassures its capacity for the contemporary.



EXPOSIÇÃO EXHIBITION

INCEBTEZAS EM GAIA

MACRS
Museu de Arte Contemporânea
do Rio Grande do Sul
 Galerias Xico Stockinger
 e Fotogaleria Virgílio Calegari

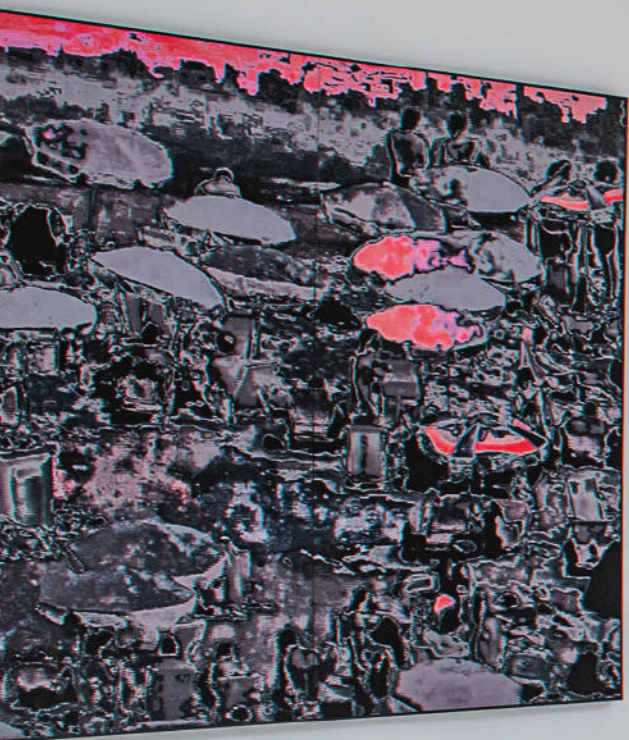


- | | | |
|--------------------|-----------------|------------------|
| 1 HALA AL KHALIFA | 2 ÉLIANE CHIRON | 3 SANDRA REY |
| 4 NIVALDA ASSUNÇÃO | 5 SIHAM ISSAMI | 6 TETÊ BARACHINI |
| 7 HUGO FORTES | 8 IRINEU GARCIA | 9 ELAINE TEDESCO |

FOTOGALERIA VIRGÍLIO CALEGARI 7º ANDAR PHOTOGALLERY VIRGÍLIO CALEGARI 7TH FLOOR



GALERIA XICO STOCKINGER 6º ANDAR XICO STOCKINGER GALLERY 6TH FLOOR

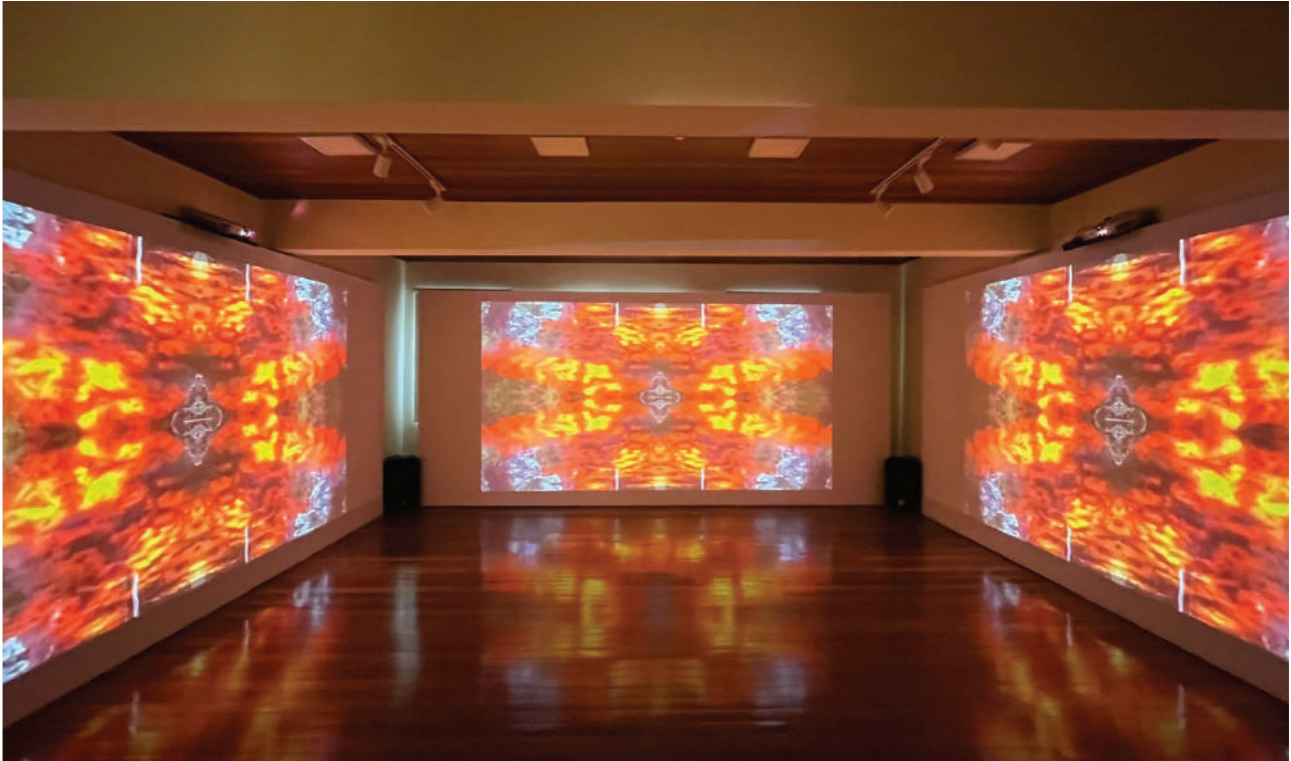
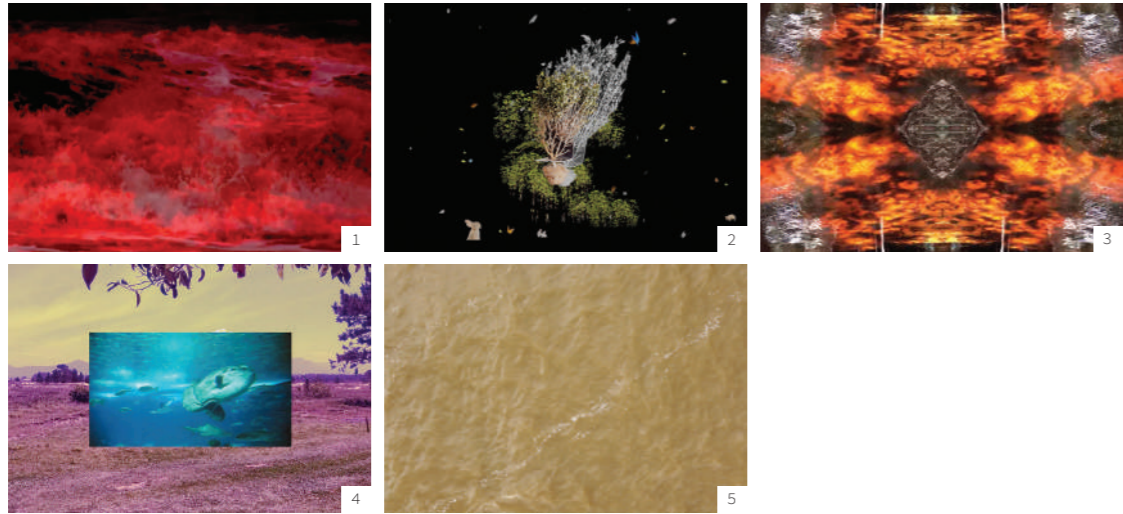
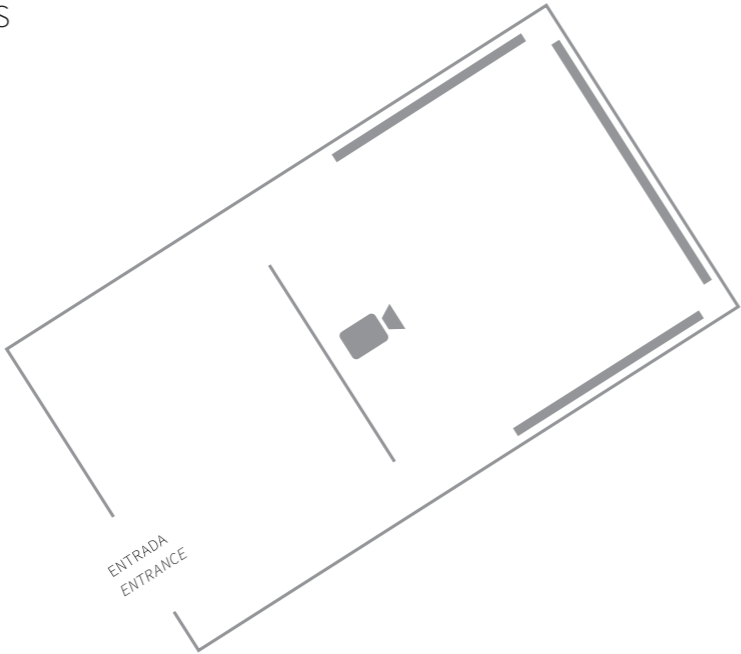






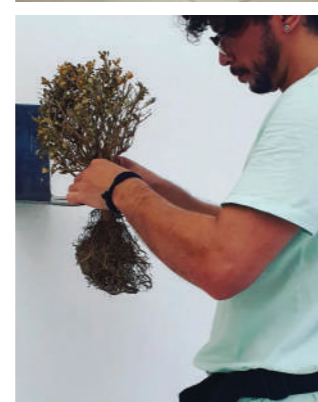
CENTRO CULTURAL UFRGS
UFRGS CULTURAL CENTRE

- 1 ÉLIANE CHIRON
- 2 SANDRA REY
- 3 HUGO FORTES
- 2 TETÊ BARACHINI
- 3 ELAINE TEDESCO



INCERTEZAS





INCERTEZAS EM GAIA

"Pétrole à Ipanema 2"
photography/digital image | fotografia/imagem digital

photography/digital image | fotografia/imagem digital

ÉLIANE CHIRON
(in memoriam)

"Pétrole à Ipanema 1"

"Rougir la Mer", nº 2

video | vídeo

video installation | vídeo-instalação

"Sea"

HALA AL KHALIFA

installation | instalação

SIHAM ISSAMI

"Das Lied von der Erde; Probe 1"

IRINEU GARCIA

"Passagens/Paisagens"

alinhamento de 32 pedras esculpidas | alignment of 32 carved stones

NIVALDA ASSUNÇÃO

"Musa I, II," 2018

fotografia | photography

"Maperoá", 2023

múltiplo cerâmica | ceramic multiple

"S/ Título", 2018

múltiplo cerâmica | ceramic multiple

instalação | installation

TETÊ BARACHINI

"Través", 2022-2023

vídeo | video

"Guahyba", 2023

"Entre o repouso e o isolamento, Arambaré", 2000

fotografia | photography

com a colaboração de | with the participation of Elcio Rossini

"Areias Brancas", 2023

vídeo | video

"Areias Brancas", 2002

fotografia | photography

"Amazonia Insomnia", 2019

vídeo | video

HUGO FORTES

"Brasa Brasil #1, #2", 2022

pintura | painting

"Floresta do Isolamento #3, #4", 2021

pintura | painting

SANDRA REY

"Herbarium #1, #2, #3", 2022-23

fotografia/imagem digital | photography/digital image

"Herbarium", 2023

vídeo | video

com a colaboração de | with the participation of Manuel Siabato

"Jardim Infinito 1, 2, 3", 2018

árvores desidratadas + suporte aço cortem | dehydrated trees + corten steel support



ÉLIANE CHIRON¹ IN MEMORIAN

Ipanema é uma praia paradisíaca no Rio de Janeiro. É esse paraíso que desejo pintar e transformar em inferno. Meu instrumento: o computador. A poderosa tecnologia dos algoritmos possibilita converter cada cor em outra, quando antigamente era necessário usar pincéis, tinta, fotografias ou objetos, e realizar movimentos rituais para cobrir um suporte, sabendo que não se agradece ao pintor pelos seus esforços. Como disse o escritor americano John Irvin, “tudo tem que piorar para melhorar! [...] Então, ao escrever romances, exorcizo o destino [...] e me apego àquela ideia ilógica: escrevendo sobre o que temo acima de tudo, isso não acontecerá”.²

Em 2014 em Ipanema, eu vi plataformas petrolíferas ao largo da praia e pensei em uma possível maré negra, como aquela que vi na França no Natal de 1999, após o naufrágio do petroleiro “Érika”, com o seu casco dilacerado pela tempestade, ao largo da costa atlântica. Minha bela praia estava coberta por um verniz preto, com um cheiro insuportável, todas as aves encharcadas de combustível, amontoadas na areia, sem um único grito de gaivota, o silêncio repentino que ainda ouço hoje. A ideia da praia negra, pois a areia é negra devido às cinzas de um vulcão, vem também da Martinica, no pé da Montanha Pelée, cuja erupção de 1902 engoliu Saint-Pierre, a antiga capital colonial, matando todos os habitantes. As ruínas conservam as marcas escurecidas da catástrofe. Nunca esquecerei da primeira vez que vi Saint-Pierre. Nem da areia preta de suas praias, como a do Carbet, onde Gauguin se hospedou. Ainda sinto a areia preta grudada na pele molhada.

Pintar no computador significa sentir, ao mesmo tempo, essa areia na pele. Da mesma forma, ainda tenho as mesmas mãos que eu tinha antes, manchadas com uma tinta impossível de ser removida. Penso sempre com essas mãos. Elas difundem um senso tátil, enaltecendo a memória do que nos tornou humanos, entre gestos e palavras, simultaneamente. Quando a imagem está em um formato muito grande, de onde vêm essas matérias que eu não quis, esses contornos embaçados, que às vezes poderiam parecer vistas ao microscópio do interior do corpo? Então me perco na imagem, absorvida pela

Ipanema is a paradisiac beach in Rio de Janeiro. This paradise is what I intend to paint and transform into hell. My instrument: the computer. The powerful technology of algorithms allows us to convert each color into another, while in the past one had to use brushes, paint, photographs or objects, and perform ritualistic movements to cover a rack, knowing that the painter will not be thanked for their efforts. As the American writer John Irvin said, “Everything must get worse to get better! [...] So, when writing novels, I exorcise fate [...] and hold on to that illogical idea: writing about what I fear above all, this will not happen”.²

In 2014 in Ipanema, I saw oil platforms along the beach and thought of a black tide, such as the one in France in Christmas of 1999, following the shipwreck of the tanker “Erika”, with its hull wrecked by the storm along the Atlantic coast. My beautiful beach was covered by a black varnish, with an unbearable smell, the birds covered in fuel, piled up in the sand, not a single seagull screech, that sudden silence that I still hear to this day. The idea of a black beach, also comes from Martinica, whose sands are black due to the Vulcan ashes, by the foot of the Pelée mountain, which erupted in 1902 and swallowed Saint-Pierre, the former capital of the colony, killing all its inhabitants. The ruins keep the darkened marks of the catastrophe. I will never forget the first time I saw Saint-Pierre. Nor the black sand on its beaches, such as the Carbet’s, where Gauguin stayed. I still feel the black sand stuck to the wet skin. Painting on the computer means feeling, at the same time, this sand on my skin. In the same way, I have the same hands I had before, stained with an ink impossible to remove. I always think with those hands. They reveal a tactile sense, in appraisal of the memory of what made us human, between gestures and words, simultaneously. When the image is in a very large format, where do those matters that I didn’t want come from, those blurred outlines, that sometimes could seem like they are under a microscope inside the body? Then, I loose myself in the image, absorbed by the painting, swallowed by the color. Perhaps this is the painting I want to do.

pintura, engolida pela cor. Talvez essa seja a pintura que eu quero fazer.

Filmar Ipanema a partir da janela de um hotel à beira-mar; em seguida, capturar um frame, converter em pintura preta, com vermelho para os guarda-sóis. Por cinco anos, de vez em quando, onde quer que eu esteja, trabalhar cada centímetro quadrado, inventar materiais, toque por toque, a praia se tornando uma textura espessa, pesada, viscosa; na parte de cima o mar, vermelho, sem saber por que, a não ser por pensar em Macbeth voltando vitorioso da batalha, com sua espada ensanguentada e assim que ele toca nela, gritando que esse sangue fará todos os mares verdes “vermelhos, apenas vermelhos”. Isso deve ficar ainda pior na segunda imagem, com formas humanas irreconhecíveis, apenas aqui e ali um pouco de rosa.

Mais tarde, em uma imagem de minha praia atlântica em Noirmoutier: *Sauvetage* (2019), juntei o negro vulcânico da areia de Saint-Pierre com o mar avermelhado onde flutua um barco de salvação na Mediterrânea. Em *Ce point à l’horizon* (2018), outras personagens, em um negro indizível (lembrete do vazamento de petróleo de 1999?), abandonadas na mesma praia, esperam por ajuda.

Essa sucessão ininterrupta de catástrofes, das quais eu recorto as imagens no Mundo ou as retiro do meu iPhone, constituem nosso mundo comum que vai se construindo destruindo-se, a partir de partículas idênticas às que formam os nossos corpos, bem como os primeiros momentos da vida e do universo, aos quais o digital nos dá acesso, pois é a consequência lógica. De fato, o ser humano não parou de externalizar as funções do corpo. Das entranhas da terra vem o petróleo ou a lava dos vulcões, mas também as cores dos pintores, cuja origem metálica foi destacada por André Breton. A pintura do vivo, que se opõe ao “belo fardo” denunciado por Roger de Piles (hoje falaríamos em “colorir” trivialmente uma imagem), sempre quis fazer esquecer essa origem subterrânea, antes considerada demoníaca, embora esse mal desconhecido tenha sempre fascinado os pintores. Na época deles, lembrará Aby Warburg, as gravuras de Dürer contribuíram com sua beleza para desviar os espíritos das profecias astrológicas de fim do mundo. No século XX, Louise Bourgeois bordou um texto em inglês em um lenço de cor pastel, dizendo: “Eu fui para o inferno e voltei. E eu lhes digo, era maravilhoso”.³ Enquanto ainda não se tornara artista Niki de Saint-Phalle, jovem casada e mãe realizada, escreveu: “PARAÍSO, mas como eu gostaria de descer ao INFERNO!”.⁴ E o que dizer da fascinação do Inferno de Dante, primeiro poema escrito não em latim,

Filming Ipanema from a hotel window by the sea; then, capture a frame, and convert it into black painting, with red for the sunshades. For five years, every once in a while, wherever I am, working every square centimeter, inventing materials, touch by touch, the beach becoming a thick texture, heavy, viscous; on the top, the sea, red, without knowing why, except for thinking about Macbeth coming back from battle, triumphant, with his bloody sword and, as he touches it, screaming that this blood will make all green seas “red, only red”. This should be even worse in the second image, with unrecognizable human shapes, a little pink here and there.

Later, in an image of my Atlantic beach in Noirmoutier: Sauvetage (2019), I merged the volcanic black of Saint-Pierre’s sand with the reddish sea where a rescue ship floats on the Mediterranean. In Ce point à l’horizon (2018), other characters, in an unspeakable black (remainder of the oil leak of 1999?), abandoned at the same beach, wait for help.

This non-stop succession of catastrophes, from which I crop out the World’s images or taken them out of my iPhone, constitute our common world that is being built by destroying itself, from particles identical to the ones forming our bodies, as well as the first moments of life and the Universe, to which the digital grants us access because it is the logical consequence. Indeed, the human being never stopped expressing the body’s functions. From the entrails of the Earth comes the oil or the vulcan lava, but also the colors of the painters, which metallic origin was highlighted by André Breton. Painting living beings, as opposed to “the beautiful burden”, denounced by Roger de Piles (nowadays we would trivially say “coloring” an image), always wanted to make this underground origin go away; considered demonic in the past, although this unknown evil has always fascinated painters. In their time, as recalled by Aby Warburg, the Dürer engravings contributed with their beauty to divert the spirits of the end of the world astrological prophecies. In the XX century, Louise Bourgeois embroidered a text written in English in a handkerchief of pastel color that read: “I went to hell and back. And I tell you, it was wonderful”.³ When Niki de Saint-Phalle had not yet become an artist, as a young married mother, she wrote: “PARADISE, but I wish I could descend to HELL!”⁴ And what to say about the fascination with Dante’s hell – the first poem written

mas na língua vulgar que se tornaria italiano, e que começa assim: “Uma vez numa floresta profunda, quando a via certa se perdeu”. A via certa estaria para sempre perdida para o artista, que deveria estar fora dela para produzir obras.

O escritor Philip Roth afirma: “Você quer se rebelar contra a sociedade? Vou te dizer como: escreva bem. [...] Não dê suas opiniões em um romance. As opiniões não valem nada. Nem a minha, nem a sua”.⁵ E John Irvin acrescentou: “Se alguns dos meus livros puderem dar lugar a uma interpretação política ou social, nenhum deles foi escrito com essa intenção. [...] Meus romances nascem de minhas

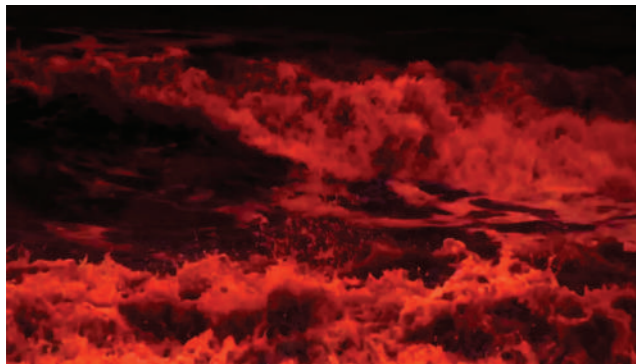
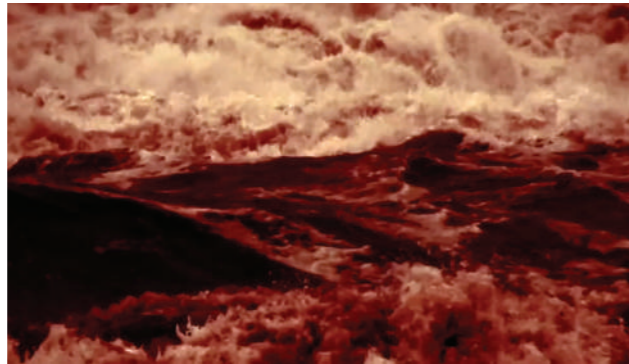
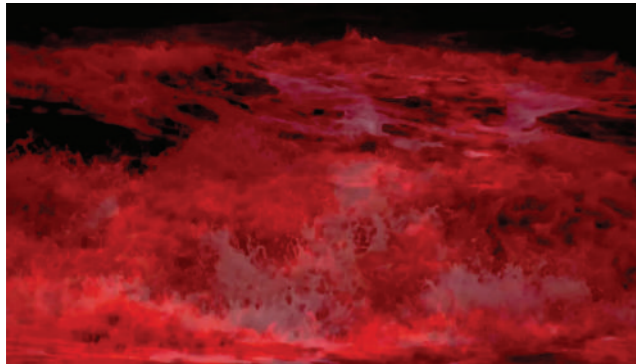
in non-latin language, but in the vulgar language that would become Italian, that starts as: “Once in a deep forest, when the right road was lost”. The right road would be forever lost for the artist, who should be outside to create his works.

The writer Philip Roth says: ““You want to rebel against society? I’ll tell you how to do it – write well. [...] Don’t offer your opinion in a novel. Opinions are worth nothing. Neither mine, nor yours.”⁵ And John Irvin added: “If some of my books could make room for political or social interpretation, none of them were written with such intention. [...] My novels are



ÉLIANE CHIRON,
PÉTROLE À IPANEMA N° 1, 2019
Impressão digital, 150 x 150 cm
Acervo MACRS
Doação da Artista

ÉLIANE CHIRON,
PÉTROLE À IPANEMA N° 1, 2019
Digital print, 150 x 150 cm
MACRS Collection
Artist’s Donation



ÉLIANE CHIRON
 “Rougir la Mer” n° 2 (extract), 2014
 Música Mohamed Zinelabidine
 Montagem e som Hervé Penhoot

ÉLIANE CHIRON
 “Rougir la Mer” n° 2 (extract), 2014
 Music Mohamed Zinelabidine
 Assembly and sound Hervé Penhoot

indagações sobre o mundo atual, não de minhas convicções políticas”.⁶ Não há diferença entre pintura e romance. Como em um romance, “em toda imagem, há convergência de lugares e tempos e, além disso, há combinação de tempos representativos da experiência individual do artista e da experiência coletiva de um meio”.⁷

Éliane Chiron (Tradução Sandra Rey)
 Orléans, 11 de setembro de 2019

¹ Esse texto depoimento me foi entregue pela artista, por ocasião da exposição Cá e lá... UTOPOS que organizei e fui curadora, no MACRS, em 2019. Éliane Chiron foi uma das artistas convidadas e apresentou as obras “PÉTROLE À IPANEMA N° 1” e “PÉTROLE À IPANEMA N° 2” que passaram, após a exposição a integrar a coleção do MACRS. (N. de T.)

² John Irving, “Le grand entretien”, America, été 2018, p. 41-42.
³ Louise Bourgeois, I have been to Hell and back, lenço bordado 49,5 x 45,7 cm, 1996.

⁴ Niki de Saint-Phalle, catálogo de exposição, Musée d’Art moderne de la Ville de Paris, junho-setembro 1993, p. 157.

⁵ François Busnel, “Philip Roth. Another time”, America, été 2018, p.188.

⁶ John Irvin, op. cit., p. 29-30.

⁷ Pierre Francastel, L’image, la vision et l’imagination. De la peinture au cinéma, Paris, Bibliothèque Médiations, Denoël-Gonthier, 1983, p. 153.

born from my inquiries about the current world, not from my political beliefs”.⁶ There is no difference between paintings and novels. As in a novel, “in every image there are places and times converging and, beyond that, there is a combination of representative times of the artist’s individual experiences and the collective experience of an environment”.⁷

Éliane Chiron
 Orléans, September 11th of 2019

¹ This statement was delivered to me by the artist during the exhibit Cá e lá... UTOPOS, which I organized and curated, at the MACRS, in 2019. Éliane Chiron was one of the invited artists presenting the works “PÉTROLE À IPANEMA N° 1” and “PÉTROLE À IPANEMA N° 2”, which integrated the MACRS collection. (N. de T.)

² John Irving, “Le grand entretien”, America, été 2018, p. 41-42.
³ Louise Bourgeois, I have been to Hell and back, lenço bordado 49,5 x 45,7 cm, 1996.

⁴ Niki de Saint-Phalle, exhibition catalog, Musée d’Art moderne de la Ville de Paris, junho-setembro 1993, p. 157.

⁵ François Busnel, “Philip Roth. Another time”, America, été 2018, p.188.

⁶ John Irvin, op. cit., p. 29-30.

⁷ Pierre Francastel, L’image, la vision et l’imagination. De la peinture au cinéma, Paris, Bibliothèque Médiations, Denoël-Gonthier, 1983, p. 153.



HALA AL KHALIFA

SEA

Muitas vezes me senti atraída pela malha metálica em forma de cúpula que é comum nas margens do Golfo. Essas formas metálicas eram empilhadas nas margens, prontas para serem levadas a bordo do barco, ou acabaram de voltar de uma viagem até o fundo do mar. É um dispositivo antigo e astuto que é usado para pescar. Uma vez que o peixe entre na malha, ele é preso e não há como escapar.

Neste trabalho, eu explorei o legado da pesca de pérolas e a rica, mas perigosa, relação que era a linha de vida para muitas famílias que viviam nas margens do Golfo Árabe. A malha em forma de cúpula ou a armadilha para peixes toma outra forma na qual uma reinterpretação conceitual leva a outro nível, tornando-se uma metáfora de aprisionamento.

Homens fortes e de pele escura mergulharam em busca das preciosas pérolas e perderam suas vidas nos profundos mares turquesa que cercam nossas praias arenosas, seja em Bahrein, Qatar, Kuwait ou nos Emirados Árabes Unidos, era sempre a mesma história, revestida de triunfo e tristeza. Se o mar pudesse falar sobre quem mergulhou e nunca mais viu a luz... se os pensamentos e preces destes últimos momentos antes da morte pudessem ser contados ou compartilhados.

Este vídeo é uma homenagem e um memorial para nossos antepassados que perderam suas vidas no mar, e o legado e o patrimônio da pesca de pérolas.

Hala Al Khalifa
2018

SEA

I have often been attracted to the dome shaped metal mesh that is a common site on the shores of Gulf. These metal shapes would be stacked on the shores, either ready to be taken on board the boat, or just came back from a journey to the bottom of sea. It's an old and clever device which is used to catch fish. Once a fish enters the mesh it's trapped and there would be no way to escape.

In this body of work, I explore the legacy of pearl diving, and the rich yet dangerous relationship that was the lifeline for many families living on the shores of the Arabian Gulf. The dome mesh or the fish trap takes another form in which a conceptual re-interpretation takes it to another level, becoming a metaphor of entrapment.

Dark skinned, strong bodied men dived in search of the precious pearls have lost their lives in the deep turquoise seas that surrounds our sandy shores, whether in Bahrain, Qatar, Kuwait or the UAE it was the same story, coated with triumph and grief. If the sea could speak about who dove in and never saw the light again...if thoughts and prayers of these last moments before death could be told or shared.

This show is a tribute and a memorial for our ancestors who lost their lives at sea and the legacy and heritage of pearl diving.

*Hala Al Khalifa
2018*





HALA AL KHALIFA
Sea, 2013
VÍdeo
Duração 00:04:19

HALA AL KHALIFA
Sea, 2013
VÍdeo
Duration 00:04:19



HALA AL KHALIFA
VÍdeo projeção + Fotografias (7 stills frames video)
Fotogaleria Virgílio Calegari
Museu de Arte do Rio Grande do Sul

HALA AL KHALIFA
VÍdeo + Photography (7 stills video frames)
Virgílio Calegari Photogallery
Museu de Arte do Rio Grande do Sul

SIHAM ISSAMI

“DAS LIED VON DER ERDE; SONDA 1” / CANÇÃO DA TERRA, TENTATIVA 1

Siham Issami

A instalação-projeção “Das Lied von der Erde; probe1”, por um lado baseia-se na obra musical homônima de Gustav Mahler, que é uma sinfonia para tenor, alto e grande orquestra, e, por outro lado, em certas referências visuais de pintores chineses. De maneira excêntrica, numa tentativa de tentar muitas vezes, experimentar e ensaiar uma correspondência visual em termos de imagem e espaço, e de iniciar um diálogo entre o pictórico-espacial e o sonoro-temporal, assim como explorar caminhos entre diferentes registros sensoriais abordando o tema da terra, e o nossa relação com a natureza sentida na abordagem musical de Gustav Mahler.

A partir daí distinguimos três eixos importantes neste trabalho:

GUSTAV MAHLER E A RELAÇÃO COM A NATUREZA

A natureza não como sujeito, mas como Presença é recorrente e muito manifesta na obra de Mahler, basta ouvir a sua 3ª sinfonia que começa com uma marcha de verão, e onde Mahler se coloca como um atento ouvinte da natureza e nos conta, no segundo movimento da sinfonia, o que as flores dos campos lhe disseram, e o que os animais da montanha lhe disseram, no terceiro movimento. Basta ouvir o seu “Knaben wunderhorn” para ver os caminhos e as estações a abrirem-se à sua frente, para sentir, cheirar, até a frescura dos bosques solitários e ouvir até os mais ligeiros estados de espírito do Reno.

A natureza tem uma grande presença física tangível na obra de Mahler, é ouvir, ver, sentir, até tocar; mas tem também, eu diria, no mesmo grau físico e sensorial, uma presença filosófica, espiritual, um princípio de ser e existir, essa recorrência eternizada, o eterno retorno; como encontramos de certa forma em F. Nietzsche o filósofo e poeta alemão, mas sobretudo como nos filósofos e poetas do Oriente, do Extremo Oriente, onde Mahler ex-

“DAS LIED VON DER ERDE; PROBE 1” / SONG OF THE EARTH, ATTEMPT 1

Siham Issami

“Das Lied von der Erde ; Probe 1” is based on the one hand on Gustav Mahler’s musical work of the same name, which is a symphony for tenor, alto and large orchestra, and on the other hand on some visual references of Chinese painters of the eccentric way, in an attempt to search, to try and find a visual correspondence in terms of image and space, to enter into a dialogue between the pictorial-spatial and the sonic-temporal, and to explore ways between different sensory registers in addressing the subject of the earth, and our relationship to nature as felt in Gustav Mahler’s musical approach.

From this we distinguish three important axes in this work:

GUSTAV MAHLER AND THE RELATIONSHIP TO NATURE

Nature, not only as a subject but foremost as a Presence, is very recurrent and very manifest in Mahler’s work, one only has to listen to his 3rd symphony which begins with a summer march, and where Mahler places himself as an attentive listener to nature and tells us in turn what the flowers of the fields have said to him in the second movement of the symphony, and what the animals of the mountains have said to him, in the third movement. One only has to listen to his “Knaben wunderhorn” to see the paths and seasons open up before us; to feel, to smell the freshness of the lonely woods and to hear the slightest hints of the Rhine.

Nature has a great material and physical presence in Mahler’s work, it is to be heard, seen, felt, even touched; however, it also has, and I would say to the same degree, a philosophical, spiritual presence, a principle of being and existence, that eternal recurrence, the eternal return; in a certain way, such as found in F. Nietzsche, the German philosopher and poet, but above all such as expressed in the writing of phi-



SIHAM ISSAMI
DAS LIED VON DER ERDE; PROBE 1, 2023
Instalação, 330 x 300 x 300 cm

SIHAM ISSAMI
DAS LIED VON DER ERDE; PROBE 1, 2023
Installation, 330 x 300 x 300 cm



SIHAM ISSAMI
 DAS LIED VON DER ERDE; PROBE 1, 2023
 Instalação, 330 x 300 x 300 cm

SIHAM ISSAMI
 DAS LIED VON DER ERDE; PROBE 1, 2023
 Installation, 330 x 300 x 300 cm

traíu diretamente as fontes líricas poéticas para sua obra musical “A Canto da Terra”.

O CANTO DA TERRA E OS PINTORES CHINESES
 DA ESCOLA EXCÊNTRICA

A escolha de unir esta obra musical de Mahler com referências visuais e princípios de representação vindos de pintores chineses da escola excêntrica, não é aleatória. Primeiro, os textos do Canto da Terra são seis poemas que têm como fonte a coleção de poesia chinesa *Die chinesische Flöte*¹ (a flauta chinesa) publicada por Hans Bethge em 1907.

O uso que Mahler faz neste trabalho específico da escala pentatônica (escala musical do Extremo Oriente), também aponta na direção de uma leitura e de uma representação do Extremo Oriente.

Mas pessoalmente escolhi os pintores chineses da escola excêntrica e nenhum outro, porque como nos esclarece François Chang² em seu minucioso estudo, que para eles “uma pintura chinesa realizada é sempre a manifestação de um mistério, o maior de todos talvez: o emaranhado do espírito humano nesse processo ininterrupto de criação e transformação ao qual chamamos de Natureza” e que esses pintores só são excêntricos por nos trazer de volta ao Centro, e Mahler sendo ele ocidental, vai tanto ao extremo do centro, quanto ao extremo oriente, somente para trazer de volta a música no ocidente para o seu centro.

E podemos acrescentar isso também, Mahler é um compositor de extremos, a sua marca está em muitas coisas, mas sobretudo está nos extremos da sua dinâmica. Tudo nele é intenso, extremamente intenso; o doce mais doce do que tudo o que conhecemos; o *Adagissimo* é insuportavelmente lento, o *fortississimo* é um desenraizamento... essas intensidades dinâmicas próprias de Mahler são traduzidas em termos das intensidades cromáticas utilizadas nesta obra.

MINHA PRÓPRIA LEITURA DO “CANTO DA TERRA”

Temos análises musicais e literárias muito cuidadosa desta obra, e sem dúvida há tanto nos seis poemas desta canção quanto em sua música pura, uma consciência cada vez mais aguda da morte e da morte iminente; há sem dúvida um caminho que conduz ao seu fim no desapego do “eu” para a união com “o todo”, com o universo; mas de minha parte, conforme ouço e leio este canto, percebo que há também um paralelo neste trabalho único com os quatro Elementos da Terra.

Encontramos a água na presença do lago, com seus jogos

losophers and poets of the East, of the Far East, from which Mahler directly drew the lyrical-poetic sources of his musical work “The Song of the Earth”.

THE SONG OF THE EARTH AND THE CHINESE PAINTERS
 OF THE ECCENTRIC WAY

The choice of linking Mahler’s musical work to visual references and principles of representation from the Chinese painters of the Eccentric Way is not random.

*First of all, the texts of the Song of the Earth are six poems from the Chinese poetry collection *Die chinesische Flöte*¹ (*The Chinese Flute*) published by Hans Bethge in 1907.*

Mahler’s use of the pentatonic scale, which is an extreme oriental music scale, in this particular work, also points him in the direction of a Far East reading and Oriental representation. But personally I have chosen the Chinese painters of the eccentric way and no others, because as François Chang² illuminates us in his meticulous study, that with them “an accomplished Chinese painting is always the manifestation of a mystery, the greatest of all perhaps: the entanglement of the human spirit in that uninterrupted process of creation and transformation that we call Nature” and that these painters are eccentric only to bring us back to the Centre; and Mahler goes so far to the extreme, far of the centre, to the extreme East he the Westerner, to bring music in the West back to its centre.

*Mahler is also a composer of extremes. His mark is in many things but above all it is in the extremes of his dynamics. With him everything is intense, extremely intense; the soft is softer than anything we know; the *Adagissimo* is unbearably slow, the *fortississimo* is a wrench... these dynamic intensities specific to Mahler are translated into the chromatic intensities used in this work.*

*Mahler is also a composer of extremes. His mark is in many things but above all it is in the extremes of his dynamics. With him everything is intense, extremely intense; the soft is softer than anything we know; the *Adagissimo* is unbearably slow, the *fortississimo* is a wrench... these dynamic intensities specific to Mahler are translated into the chromatic intensities used in this work.*

MY OWN READING OF THE “SONG OF THE EARTH”

We have very careful musical and literary analysis of this work, and without doubt there is in the six poems of this song as well as in its music, its pure music, an increasingly acute awareness of death and of eminent death. There is undoubtedly a path leading at its end to the detachment of the “self” for a union with “the whole” with the universe. However, for my part and as I hear and read this song, there is also a parallel in this unique work with the four Elements of the earth.

We find Water in the presence of the lake, its mirroring, and games of reflection. We find air, which is

de espelhos e reflexos. Encontramos o ar que é o próprio canto desta obra e o pássaro que o poeta questiona e que anuncia a chegada da primavera, encontramos a terra, na palavra e no som. E ao longo dos seis poemas e suas músicas encontramos o vinho que simboliza o Fogo, e atua como catalisador e condutor ao mesmo tempo. Encontramos o mineral, o vegetal, o animal e o humano.

E é esse o paralelismo que aqui se destaca, com apoio na relação que a Terra, o Ar, a Água e o Fogo têm com o código pictórico dos pintores chineses da escola excêntrica, aqui retomado e retrabalhado de forma mínima e irreduzível. E que ao final, na obra de Mahler, o Vivo vai muito além dos limites biológicos da vida, para comungar totalmente com um universo onde todos estão ligados pelo sopro criativo, como nesses pintores fundamentalmente dos taoístas da escola excêntrica.

Berlim 31.01.2023

¹ Os poemas de Bethge eram adaptações livres (“Nachdichtungen”) da poesia clássica chinesa, baseado em traduções anteriores em prosa para o alemão (Hans Heilmann’s *Chinesische Lyrik*, 1905) e em francês (Marquis d’Hervey de Saint Denys’s *Poésies de l’époque des Thang*, 1862 et Judith Gautier’s *Livre de Jade*, 1867/1902).

² Francois Chang, *Toute beauté est singulière*, peintre chinois de la voie excentrique, Phébus, 2004.

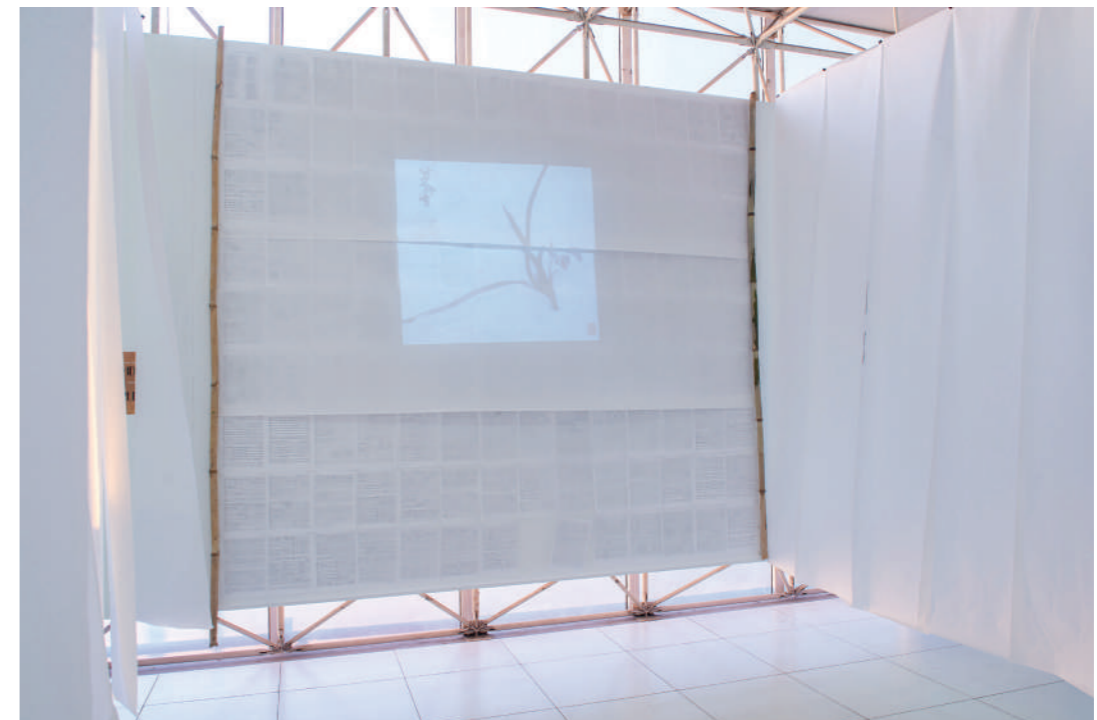
the very Song in this symphony, and the bird that the poet questions and that announce the coming of spring. We find the Element of Earth, in word and sound. And throughout the six poems and their music we find the wine, which symbolises fire in my sense, and acts as both catalyst and conductor. We find the mineral, the vegetable, the animal, and the human. in addition to a fifth Element, that is “the emptiness” as found in the far East conception, which is not empty at all but that what make everything possible.

It is this parallelism that is highlighted here, based on the pictorial code for the four element Earth, Air, Water and Fire of the Chinese painters of the eccentric way, identified and reworked here in a minimal and irreducible way. And that all things considered, in this particular symphony of Mahler the Living goes far beyond the biological limits of life, to commune totally with a universe where all are connected by the creative breath, like those painters of the eccentric way who are fundamentally Taoists.

Berlin, January 31, 2023

¹ Bethge’s poems were free adaptations (“Nachdichtungen”) of classical Chinese poetry, based on earlier prose translations into German (Hans Heilmann’s *Chinesische Lyrik*, 1905) and French (Marquis d’Hervey de Saint Denys’s *Poésies de l’époque des Thang*, 1862 and Judith Gautier’s *Livre de Jade*, 1867/1902)

² Francois Chang, *Toute beauté est singulière*, peintres chinois de la voie excentrique, Phébus, 2004.



SIHAM ISSAMI
DAS LIED VON DER ERDE; PROBE 1, 2023
Instalação, 330 x 300 x 300 cm

SIHAM ISSAMI
DAS LIED VON DER ERDE; PROBE 1, 2023
Installation, 330 x 300 x 300 cm



NIVALDA ASSUNÇÃO

RETRATOS DE GAIA

“Incertezas em Gaia” aborda o que hoje é uma das principais questões que envolve a humanidade e sua sobrevivência no planeta terra. O Brasil surge como, provavelmente, o mais proeminente ator no cenário global por possuir uma profusa reserva de recursos naturais e a (ainda) maior floresta tropical do planeta.

É premente a ênfase no fato da nossa total interligação e dependência com os elementos e seres singulares que conformam o planeta terra. Na diversidade de suas dimensões, formas, cores e texturas os organismos de Gaia se suplementam, se alimentam, se criam e se recriam.

É da Gaia que nos dá a vida que venho desenvolvendo meu trabalho artístico. Numa volta à memória de minha infância resgato algo de minha origem, de minha ancestralidade - informada pela herança genética dos povos originários - e pela minha vivência ao testemunhar meu pai que, lavrador, cultivava a terra: de onde extraía o sustento da família. Da terra mãe, envolvendo os elementos: água, terra, fogo e ar, retiro e materializo as obras que aqui apresento.

Elas advêm da urgência de se tratar do tema da vida no planeta terra - nossa terra mãe; da necessidade da preservação do que, em sentido amplo, denominamos natureza e de cujo cuidado depende nossa sobrevivência como espécie no interior de um sistema e como singularidades de um coletivo vivo. Nesse sentido, as obras que exponho se conectam com a proposta da exposição na medida em que buscam fazer visível conteúdos da vida das espécies que foram geradas em Gaia e que a habitam. Conteúdos visíveis em peças de cerâmica que remetem a Gaia na dimensão de um rastro bem como em fotografias que singularizam Gaia na expressão dos autorretratos, na expressividade do corpo, sem que a remissão que as peças inscrevem se confunda com a forma(-)imagem de um preciso endereçamento.

PORTRAITS OF GAIA

“Uncertainties in Gaia” addresses what is now one of the main issues involving humanity and its survival on Planet Earth. Brazil is the most prominent player on the global stage for having an abundant reserve of natural resources. It is still the largest tropical forest on the planet.

We must highlight our total interconnection and dependence on the natural elements that make up Earth. Gaia’s organisms supplement, feed, create and recreate themselves in the diversity of their dimensions, shapes, colors, and textures.

It is from Gaia, which gives us life that I have been developing my artistic work. Returning to my childhood memory, I rescue something from my origin, my ancestry. I am informed by the genetic heritage of the original peoples and by my experience of witnessing my father, a farmer who cultivated the land and extracted the family’s livelihood. I withdraw and materialize the elements water, Earth, fire, and air from Mother Earth, which I present here.

My work relates to the importance and concern of life on mother earth. There is a need to preserve what, in a broad sense, what we call nature. Caring for our world depends on our survival as a species within a system and singularity of a living collective. In this sense, the works I exhibit connect with this exhibition as they seek to make the visible contents of life generated and inhabited by Gaia. Visible contents in ceramic pieces that refer to Gaia in the dimension of a trace, as well as in photographs that single out Gaia in the expression of self-portraits, in the expressiveness of the body, without the reference that the pieces inscribe being confused with the form(-) image of precise addressing.

“Musa I” e “Musa II” são autorretratos onde busco me imergir na vegetação exuberante da natureza dos trópicos. Utilizo as plantas e a paisagem do cerrado e dos campos de Brasília como inspiração estética e como matéria – fotografando seu cenário, seus elementos, suas partes. Então, imprimo essas imagens do que a terra engendra, nas fotografias. Numa estética em que meu corpo se expõe como elemento central é possível notar minha pele molhada pela água e suor: com meus poros dilatados; a cor queimada pela ação do sol, que também satura as cores das folhagens do fruto musa que trago na boca – elemento de ornamentação, mas que é alimento e forma, matéria e palavra.

Os “Maperoás” são esculturas, moldadas em argila e queimadas com cores vibrantes, resgatando a diversidade e a força da vida. Nessas obras utilizo a vegetação integral vivente assim como suas partes já secas: cascas, folhas, galhos etc, que se constituem em sua forma e referente. Manuseando o barro, recrio objetos a partir dos fósseis vegetais coletados, recriando-os em suas formas curvas e muitas vezes tortuosas, reanimando-os com cores variadas.

Muitas dessas formas remodelam-se à semelhança dos órgãos sexuais dos vegetais prontos à procriação de mais e mais vidas na constituição da maravilhosa flora. Embora essas peças escultóricas estejam cristalizadas, elas chamam a atenção para a fecundidade e a prolificidade da vida orgânica que quer viver e se multiplicar, assim como os “Múltiplos”.

Minha intenção é fazer visível os conteúdos de vida das espécies do biosistema que é nosso planeta. Tanto das vidas que alcançamos ver com nossos olhos nus como das vidas minúsculas e microscópicas que nos constituem e habitam. Essas que nos garantem a nossa sobrevivência e as que também podem nos eliminar.

Essa coleção de trabalhos remete e endereça à beleza, à sensualidade e à fecundidade que a natureza de Gaia ensija. Na perspectiva de pensar a relação do corpo humano e da sua ação com o ambiente natural no cotidiano da vida contemporânea, quero, com estes grupos de obras, enaltecer a beleza dessa vida dada por Gaia e enfatizar nossa inelutável interligação como seres interdependentes – irmanados pela mesma terra mãe – em um grande e complexo sistema ecológico. A morte ou o extermínio de um desses seres compromete a existência do outro. Nesse ecossistema, o ser humano talvez seja o que mais depende de todas as outras criaturas.

“Musa I” and “Musa II” are self-portraits where I seek to immerse myself in the lush vegetation of tropical nature. I use the plants and landscape of the cerrado and the fields of Brasília as an aesthetic inspiration and material – photographing its scenery, elements, and parts. Then, I print these images of what the Earth creates in photographs. My body is then exposed as a central element through my wet skin from water and sweat. Finally, my dilated pores, the sunburnt color on my skin, and the saturated colors of musa fruit leaves in my mouth provide an ornamental element of food and form, matter and word.

The “Maperoás” are sculptures molded in clay and fired with vibrant colors, rescuing the diversity and strength of life. In these works, I use the entire living vegetation and its already dried parts: waterfalls, leaves, branches, etc., which constitute its form and reference. I handle the clay, recreating these objects from plant fossils collected. I then reanimated them in their curved and often tortuous forms and with varied colors.

Many of these forms are remodeled, like the sexual organs of plants ready to procreate more and more lives in the constitution of the beautiful flora. These sculptural pieces draw attention to the lushness of organic life that thrives and multiplies.

I intend to make visible the contents of the many species within the biosystem, from the lives we manage to see, with our naked eyes, to the tiny and microscopic lives that make and inhabit us. It is these species that both guarantee our survival and that can also eliminate us.

This collection of works addresses the beauty, sensuality, and fertility that Gaia’s nature entails from the perspective of thinking about the human body’s relationship and interaction with the natural environment. In daily contemporary life, these groups of works praise the beauty of this life given by Gaia. It emphasizes our inescapable interconnection as interdependent beings, connected by the same motherland in a large and complex ecological system. The death or extermination of any of these beings compromises the existence of the other. In this ecosystem, humans are the most dependent on all other creatures.



NIVALDA ASSUNÇÃO
S/ TÍTULO, 2018
Múltiplos Cerâmica, (100 peças)

NIVALDA ASSUNÇÃO
UNTITLED, 2018
Multiple Ceramic, (100 pieces)



NIVALDA ASSUNÇÃO
 MAPEROÁ, 2023
 Cerâmica, dimensões variadas

NIVALDA ASSUNÇÃO
 MAPEROÁ, 2023
 Ceramics, varied dimensions



NIVALDA ASSUNÇÃO
 MUSA II, 2018
 Fotografia, 45 x 60 cm

NIVALDA ASSUNÇÃO
 MUSA II, 2018
 Photography, 45 x 60 cm

HUGO FORTES

“Florestas do Isolamento” é uma série de pinturas que vem sendo desenvolvidas por mim desde 2020, baseadas em fotografias feitas durante a residência artística Labverde, realizada em 2018 na Reserva Florestal Adolpho Ducke, na Amazônia. As pinturas evidenciam aspectos expressivos que nem sempre são visíveis nas fotografias que as originaram. Através das pinturas procuro evocar as sensações multisensoriais de estar imerso no interior da floresta e presenciar uma espécie de caos orquestrado entre o ver e o não ver. A visão da floresta difere da perspectiva tradicional da representação da paisagem, já que a floresta nos envolve por todos os lados e não possibilita a adoção de um ponto de fuga e de uma linha do horizonte clara, nos afetando de forma imersiva e luminosa. Também vale ressaltar meu interesse pelos aspectos espirituais, míticos e ecológicos que envolvem a floresta amazônica, que nos últimos anos tem sido tão ameaçada. O deleite estético visa envolver sensorialmente e afetivamente o espectador, tornando-o assim mais sensível à importância da manutenção das florestas. O título da série se originou a partir da situação de isolamento social que vivemos devido à pandemia de Covid 19, já que as pinturas começaram a ser produzidas justamente nesta época. Assim, as “Florestas do Isolamento” remetem tanto ao fato de se estar imerso de forma solitária na mata como à própria sensação de estar perdido em si mesmo em meio ao isolamento social.

Já a série “Brasa Brasil” se apresenta como uma espécie de contraponto às “Florestas do Isolamento”, denunciando a barbárie dos incêndios florestais criminosos, cada vez mais frequentes em nosso ambiente. Diferentemente das pinturas das florestas verdes, aqui as imagens não se baseiam em fotografias tiradas por mim, mas mesclam referências encontradas na internet, realizadas por diversos fotojornalistas. A tragédia diária a que vamos nos acostumando nos noticiários sobre o desmatamento e o avanço do garimpo ilegal pela Amazônia ganha aqui contornos espetaculares ao se tornar pintura. As tonalidades avermelhadas e acobreadas do fogo nos tomam em uma espécie de convulsão estética, ao mesmo tempo sublime e ameaçadora.

“Isolation Forests” is a series of paintings that I have been developing since 2020, based on photographs taken during the Labverde artistic residency, held in 2018 at the Adolpho Ducke Forest Reserve, in the Amazon. The paintings show expressive aspects that are not always visible in the photographs that originated them. Through the paintings I try to evoke the multisensory sensations of being immersed inside the forest, witnessing a kind of orchestrated chaos between seeing and not seeing. The view of the forest differs from the traditional perspective of landscape representation, as the forest surrounds us on all sides and does not allow the adoption of a vanishing point and a clear horizon line, affecting us in an immersive and luminous way. It is also worth noting my interest for the spiritual, mythical and ecological aspects of the Amazon rainforest, which has been so threatened in recent years. The aesthetic delight aims to involve the spectator sensorially and affectively, thus making him more sensitive to the importance of preserving forests. The title of the series originated from the situation of social isolation that we experienced due to the Covid 19 pandemic, since the paintings began to be made precisely at this time. Thus, the “Forests of Isolation” refer both to the fact of being solitary immersed in the forest and to the very feeling of being lost in oneself during social isolation.

The series “Brasa Brasil” presents itself as a kind of counterpoint to “Forests of Isolation”, denouncing the barbarity of criminal forest fires, increasingly frequent in our environment. Unlike the paintings of the green forests, the images here are not based on photographs taken by me, but merge references found on the internet, made by various photojournalists. The daily tragedy that we are getting used to in the news about deforestation and the advance of illegal mining in the Amazon takes on spectacular contours when it becomes painting. The reddish and coppery tones of the fire take us into a kind of aesthetic convulsion, at once sublime and threatening.





HUGO FORTES
Brasa Brasil,
 Acrílico sobre papel, 75 x 110 cm, 2022



HUGO FORTES
Brasa Brasil,
 Acrylic on paper, 75 x 110 cm, 2022

Além das pinturas, apresento também o vídeo “Amazônia Insomnia”, que realizei em 2018 durante a Residência Labverde. O vídeo contém imagens dos reflexos da mata nas águas, que foram espelhadas e multiplicadas formando uma espécie de caleidoscópio hipnótico. As imagens ganharam assim uma atmosfera onírica, evocando os espíritos da floresta e os rituais da ayahuasca. A trilha sonora foi composta a partir dos próprios sons captados na floresta através de uma remixagem eletrônica. O vídeo já foi apresentado de diversas formas, tanto em monitores e projeções individuais, como também de forma instalativa e em uma experiência imersiva com 3 projetores, envolvendo todo o corpo do espectador em uma tela circular.

In addition to the paintings, I also present the video “Amazônia Insomnia”, which I made in 2018 during the Labverde Residency. The video contains images of the reflections of the forest in the water, which were mirrored and multiplied, forming a kind of hypnotic kaleidoscope. The images gained a dreamlike atmosphere, evoking the spirits of the forest and the ayahuasca rituals. The soundtrack was composed from the sounds captured in the forest. The video has already been presented in different ways, both on individual monitors and projections, as well as in an installation form and in an immersive experience with 3 projectors, involving the entire body of the viewer in a circular screen.





IRINEU GARCIA

SÉRIE PASSAGENS/PAISAGENS

A proposta desta série, desenvolvida em um longo período (1990/1999), se enquadra no conceito de reciclagem, que o artista trabalhou anteriormente em vários projetos. Neles, evidencia a intenção de usar materiais descartados, em processos artísticos que denunciam o desperdício e o desgaste da natureza.

Há nela o desejo de interferir no vai e vem das cidades, resgatando pedras de antigas casas demolidas, calçamentos desfeitos ou mesmo aquelas retiradas do solo na construção de novos prédios. Estes resíduos encontrados no meio urbano são transformados em espaços escultóricos que incorporam plantas para criar uma outra paisagem. Acompanha o conjunto de cochos' um vídeo indicando os lugares onde as pedras foram encontradas assim como imagens das pedreiras que exploram a terra. A frase do artista 'Meu material de trabalho sou eu mesmo em interação com o meio em que me encontro' colocada junto define seu conceito de ação.

SERIES PASSAGES/LANDSCAPES

The purpose of this series, developed during a long period of time (1990/1999), fits into the concept of recycling, with which the artist has worked in several projects. In them the intention to use discarded material in art processes that denounce the wastage and deterioration of nature is highlighted.

There is a wish of interfering in the comings and goings of the city, rescuing old rocks from old demolished houses, broken pavements or even dugged from the soil of new buildings. These residues found in the urban environment are transformed into sculptural spaces that incorporate plants to create another landscape. The set of troughs is accompanied by a video indicating the places where the rocks were found as well as images of the quarries that exploit the earth. The artist's sentence 'My work material is myself interacting with the environment where I find myself' placed together defines his concept of action.







IRINEU GARCIA
 Série Passagens/Paisagens, 1999
 Still frames do vídeo apresentado na instalação

IRINEU GARCIA
 Series Passages/Landscapes, 1999
 Still frames from video presented at installation



IRINEU GARCIA
 Série Passagens/Paisagens, 1999
 Pedras de calçamento esculpidas (68 peças)
 com água e planta + vídeo

IRINEU GARCIA
 Series Passages/Landscapes, 1999
 Carved Paving Stones (68 pieces)
 with water and plant + video

TETE BARACHINI

IMERSÃO E SUSPENSÃO: GUAHYBA E TRAVÉS

Para este texto, trago parte do meu processo criativo, pois percebo o vídeo *Guahyba* (2022-2023) e a instalação *Través* (2023), apresentados nas exposições simultâneas “Incertezas em Gaia” (Centro Cultural e MAC-RS), como parte de uma ideia que ainda está em andamento, cujo o início ocorre a partir de um deslocamento realizado em 29 de julho de 2022, em uma tarde muito fria de inverno, na praia das Pombas, na ponta extrema do Parque Estadual de Itapuã, em Itapuã, RS.

Entre as diversas capturas de imagens feitas com drone no local, optei apenas por um fragmento para fazer o vídeo *Guahyba*(2022-2023) porque basta uma pequena porção de imagens de seu território visto de cima para percebermos a generosidade e a doçura de suas águas frias de cor marrom avermelhada e sentir que abaixo de sua superfície de movimentos calmos existe a pulsão em fluxo contínuo de energia concentrada e densa. Ressonância contida. Por isso, o som para este vídeo precisava ser de tambores. Tambores de sons africanos, uma variação dos candombes, cultura imaterial sul-americana. Uma fração de tempo para tentar me reconectar com suas águas, ser Gaia. Desejo que os tambores ecoem em suas bordas.

Esta porção de água de quase quinhentos quilômetros quadrados de área abastece as cidades em seu entorno, como por exemplo Porto Alegre, e simultaneamente recebe delas cotidianamente os dejetos residenciais e industriais. Pergunto-me como podemos poluir as águas as quais bebemos. Seria porque o invisibilizamos pelo muro e as festas em homenagem as suas águas foram restritas a uma pequena porção de acesso, longe de suas praias de água doce? Inquieta-me perceber que rupturas no desenho urbano geram cisões sociais e mutações ambientais irreversíveis. O Guaíba já foi estuário, rio e lago, por fim todos concordam que é apenas o nosso Guahyba, assim como era para os primeiros povos Tupi-Guarani, um lugar de encontro de águas doces e transbordamentos generosos para além de sua extensão.

IMMERSION AND SUSPENSION: GUAHYBA AND TRAVÉS

In this text, I bring part of my creative process because I perceive the video Guahyba (2022-2023) and the installation Través (2023), presented in the simultaneous exhibitions “Uncertainties in Gaia” (Centro Cultural and MAC-RS), as part of an ongoing idea that began with a trip on the 29th of July 2022, on a chilly winter afternoon, in Pombas Beach, at the tip of the Itapuã State Park, in Itapuã - RS.

Among the many images of this place captured with the drone, I chose only one extract for the video Guahyba (2022-2023) because it only takes a small number of pictures of a territory seen from above to reveal the generosity and sweetness of its reddish-brown cold water and the notion that below its calm surface lies the continuous pulse of concentrated and dense energy. Contained resonance. That is why the sound of this video had to be drumming. African-sound drumming, a variation of candomble, South-American immaterial culture. A fraction of a moment to try and reconnect to its water, to be Gaia. I wish that the drums echoed on their borders.

This portion of the water of almost five hundred square kilometers supplies the surrounding cities, such as Porto Alegre, and receives, at the same time, their industrial and domestic waste on daily. I ask myself “How can we pollute the very water we drink?”. Would it be because we make it invisible with the wall, and parties we throw in appreciation of its waters were restricted to a small portion, away from its freshwater beaches? It disturbs me to realize that ruptures in the urban design create irreversible social scissions and environmental mutations. Guaíba has already been an estuary, a river, and a lake; in the end, everyone agrees that it is only our Guahyba, as it used to be to the first Tupi-Guarani peoples - a place where freshwater meet and generosity overflows beyond its extension.



E em meio a restos de troncos trazidos pelas águas do Guaíba, na praia da Pombas em Itapuã, encontrei o que parecia ser um pedaço qualquer de madeira queimada. Um cilindro disforme na cor preta com um resto de metal em uma de suas extremidades. Imagem insólita. Preto absoluto. Brasa molhada. Carvão torneado de pura beleza! Aquele objeto parecia não fazer sentido algum sobre a areia espessa da praia em uma área de preservação ambiental. Seu formato aparentemente esculpido inquietava-me e suas marcas eram como pistas de seu pertencimento a um outro contexto. Apropriei-me dele. Carreguei-o por meses de um lado para o outro a indagar onde estava localizada a sua origem. Alguns me disseram que se tratava de um poste de trapiche que serve para amarrar espigas de embarcações. Outros afirmaram com certeza que se tratava de um elemento de madeira que fica na parte interna - proa ou meia nau - dos barcos, chamado popularmente de “cunho” ou “cabeça” e servem para as amarrações essenciais ao atracar os barcos. Encantei-me. Tomei posse do objeto. Devaneei. Lembrei-me que havia, neste mesmo local, um barco encalhado dentro da mata nativa, do qual guardo mapas (GPS) e fotos (*Work in progress*). Para além da beleza da sua presença improvável, aquele enorme volume era como memória de outras histórias, outros contextos. Inevitável estar na borda do Guaíba e não lembrar da chegada dos Açorianos e da resistência dos Farrapos atracados naquela ponta da enseada para impedir o acesso de embarcações imperiais à Porto Alegre. Desejei adentrar ao barco para tentar acessar os espaços heterotópicos de Foucault e me deslocar. Perguntei-me se seria o objeto encontrado parte daquela carcaça de barco abandonado. Talvez. Voltei ao meu objeto porque sua pequena presença carbonizada em minhas mãos me levava a pensar sobre o que não deveria estar lá naquela tarde, mas estava. Maravilhei-me com a beleza daquela peça de madeira esculpida e queimada que carregava consigo a memória do abandono, das navegações e junto me lembrava das notícias cotidianas sobre florestas em chamas no Brasil, desmatamentos insanos, solo arrasado, o despropósito de extração de carvão em solo gaúcho e o aquecimento global. As pautas sobre as queimadas antrópicas daqui, de Goiás, do Cerrado, da Mata Atlântica e da Amazônia repercutem em meu corpo como um eco a retumbar no meu imaginário. Torna-se urgente atracar em Gaia, para aprender aterrorar, porque somos Gaia, como diria Latour. Por fim, decido que o objeto queimado é parte daquele barco, mas também do “meu barco” e em algum sentido do

And, among pieces of trunks brought by the Guaíba waters, at the Pombas Beach in Itapuã, I found a piece of burnt wood. A black shapeless cylinder with a remnant of metal in one of its tips. An odd picture. Absolut black. Wet ember. Coal shaped in pure beauty!

That object did not seem to make any sense on the beach sand, in an environmental protection area. Its shape, seemingly sculpted disquieted me and its markings seemed like clues to its belonging to another context. I seized it. Carried it around for months asking myself where it could have come from. Some people told me it was a trapiche pole used to tie the vessels' cables. Others were sure it was a wooden element located inside the boats - at the viewport or bow - known as “coin” or “head” used for the boats' main moorings. I was enchanted. I took possession of the object. I daydreamed.

I remembered that there was, at this same place, a stranded boat inside the native forest, of which I hold maps (GPS) and pictures (Work in progress). Beyond its unlikely beauty, that huge volume was like a memory of other stories, other contexts. Being on the shore of the Guaíba and not recalling the arrival of the Azoreans or the Farrapos resistance moored on that bay to resist the imperial vessels to reach Porto Alegre is inescapable. I wished I could enter the boat to try and access Foucault's heterotopic spaces and delocalize myself. I asked myself if the object I had found were part of that abandoned boat carcass. Perhaps.

I went back to my object because its charred presence in my hands made me think about what was not supposed to be there that afternoon, but somehow was. I was amazed by the beauty of that charred sculpted wooden piece that carried within the memory of abandonment, of the navigations and along with it, reminded me of the daily news about our forests on fire, insane deforestations, the land devastated, the nonsense of coal mining in Rio Grande do Sul, and the global warming. The issues of anthropic fires here, in Goiás, in the Cerrado, the Atlantic Forest, and the Amazon affect my body as an echo blaring in my imagination. It is urgent to moor at Gaia to learn to land, because we are Gaia, as Latour once said.

Finally, I decided that the burnt object is a part of that boat, but also of “my boat” and, somehow, of my body, which shifts and takes property of this object. This small object, in its simplicity, when positioned perpendicular to the bow-stern axis - abeam - holds and supports the vessel parallel to the dock. Rest.

meu corpo que se desloca e se apropria deste objeto encontrado. Este pequeno objeto, em sua simplicidade, quando encontra-se perpendicular à linha proa-popa da embarcação - no través - segura e sustenta a embarcação na posição paralela ao cais. Repouso. Ao mesmo tempo que a unicidade deste objeto queimado reforça as potências implícitas das ações sobre ele (retirar, queimar, abandonar, encontrar), ao fazer suas réplicas, desejo recontextualizar sua posição e ressignificar sua presença. Início pelo molde e pelas cópias em gesso. Do preto ao branco. Deixo quieto. *Work in progress*. Retomo o fogo como elemento de transformação material da tradição da escultura em processos de

While the uniqueness of this burnt object reinforces the implicit power of the actions exerted upon it (withdraw, burn, abandon, find), when producing its replicas I wish to give a new context and meaning to its presence. I begin by the mold and plaster copies. From black to white. Leave it. Work in progress. Bring back the fire as an element of the material transformation of the sculpture tradition in casting processes. I choose two metals - aluminum and brass. With the aluminum pieces I seek for a discreet whitish light provided by the aging process applied to their surfaces to hold the memory weighted by the time within the piece. With brass, this small object shifts from inside the boat to the exhibition space as a place



TETÊ BARACHINI
 Instalação TRAVÉS
 Ano: 2022/2023
 Materiais: Bronze, alumínio, parafina com pó de grafite, carvão vegetal, nylon e plástico.
 Dimensões: aproximadamente 6 x 4,5m

Créditos:
 Moldagem e fundições: Tetê Barachini, Lucas Strey, Iran Jorge da Silva, Tanena e Jamil Fraga
 Modelagem e costura: Cláudio Venturini
 Montagem: Tetê Barachini, Catuscia Dotto, Ana Janaina Perufo, Thiago Trindade, Juan Carlo, Geovane Neves e Mateus Machado.
 Cedência do carvão vegetal: Mauro Fermann (Chica Parrilla y Bar)



TETÊ BARACHINI
 Installation TRAVÉS
 Year: 2022/2023
 Material: Brass, aluminum, paraffin with graphite powder, charcoal, nylon and plastic.
 Dimensions: approximately 6 x 4.5m

Credits:
 Molding and casting: Tetê Barachini, Lucas Strey, Iran Jorge da Silva, Tanena and Jamil Fraga
 Modeling and sewing: Cláudio Venturini
 Assembly: Tetê Barachini, Catuscia Dotto, Ana Janaina Perufo, Thiago Trindade, Juan Carlo, Geovane Neves and Mateus Machado.
 Concession of charcoal: Mauro Fermann (Chica Parrilla y Bar)





TETÊ BARACHINI
Vídeo GUAHYBA
Ano 2022-2023
Duração: 00:02:08

Créditos:
Captação Drone: Alan Cardoso,
Will Figueiredo e Tetê Barachini
Som: Fernando do Ó Neto
Edição: Geovane Neves e Tetê Barachini

TETÊ BARACHINI
Vídeo GUAHYBA
Year 2022-2023
Duration: 00:02:08

Credits:
Drone: Alan Cardoso, Will Figueiredo and
Tetê Barachini
Sound: Fernando do Ó Neto
Edition: Geovane Neves and Tetê Barachini

fundição. Escolho dois metais, o alumínio e o bronze. Com as peças de alumínio, busco uma discreta luminosidade esbranquiçada propiciada pelo tratamento de envelhecimento em suas superfícies, resguardando em si a memória pautada pelo tempo contido na peça. Já com o bronze, este pequeno objeto se desloca definitivamente do interior do barco para dentro do espaço expositivo como lugar de pertencimento. Sua forma cilíndrica e seu peso se estabelecem e se mantêm no próprio objeto. Ele se auto referencia independente do contexto em que está disposto, embora o espaço que o recebe o inquiete. E com a moldagem da parafina com grafite, continuo a multiplicar o objeto encontrado, banalizo o peso da imagem e revisito mentalmente a beleza dos pretos de Manet e do escultor Rui Chafes. Desejo fazer uma centena de cópias deste mesmo objeto para compor minha floresta de lembranças com partes de um barco abandonado e heterotópico, mas neste momento, bastam-me apenas doze peças. Quatro delas fazem parte desta exposição e apenas uma é preta. *Work in progress.*

Na instalação *Través* (2022-2023), ao suspender as peças que repousam dentro de sacos plásticos sobre o carvão, percebo o peso dos corpos dobrados sobre si mesmos. Volumes em suspensão que não se sustentam por si só e abandonam-se sem resistência. De pigmentação preta absoluta - carvão - amolecidos e disformes, guardam estes objetos que têm no seu original a madeira, cortada, talhada, torneada, objetificada e queimada. Deslocadas do "través", passam a ser objetos de si mesmos. Para percebê-los é preciso deslocar-se para junto, ficar em paralelo. Ser próximo.

of belonging. Its cylindrical shape and its weight are established and maintained in the object itself. It is self-referenced regardless of the context where it is displayed, although the space accepting it disturbs it. With the molding with paraffin and graphite, I keep multiplying the object found, I belittle the weight of that image and mentally revisit the beauty of Manet's and the sculptor Rui Chafes' blacks. I wish to produce one hundred copies of this object to compose my forest of memories with parts of an abandoned and heterotopic boat; but at this moment, only a dozen pieces are enough. Four of them are part of this exhibition and only one is black. Work in progress.

In the installation Través (2022-2023), while I suspend the pieces resting in plastic bags over the charcoal, I perceive the weight of those bodies bent over themselves. Suspended volumes that cannot support themselves and give up effortlessly. Stained in absolute black - charcoal - softened and shapeless, they hold these objects that originated from chopped, carved, shaped, objectified, and burnt wood. Displaced from "través", they become objects of themselves. To perceive them, one must move to stay together, remain parallel. Get close.

ELAINE TEDESCO

ENTRE O REPOUSO E O ISOLAMENTO E AREIAS BRANCAS

“Enquanto criava esses trabalhos com fotografias, objetos e espaço, experimentava um fluxo de percepção como se estivesse em trânsito, numa passagem imaginária. Onde o que percebia era um constante projetar-me, lançando-me de um espaço a outro em um fluxo de passagens imprecisas, ambíguas. Passagens onde um espaço é permeado pelo outro.”¹

ENTRE O REPOUSO E O ISOLAMENTO (2000)

Num local aparentemente isolado, deserto, dentro de um saco de dormir prateado, estão uma mulher e uma criança. O enquadramento em plongée, fecha-se sobre uma área de areia, sem muita informação, apenas marcas de pegadas e alguns galhos secos nas extremidades. A luz amarelada entra de topo, na lateral esquerda da imagem e é refletida pelo tecido prateado do saco que envolve ambos. Ela, com a cabeça apoiada sobre seu braço, parece olhar ao longe, ele, com seus bracinhos para cima, está com o rosto inclinado olhando pra ela. Meu filho completará 25 anos neste ano.

AREIAS BRANCAS (2002)

Na cena uma menina encobre seu rosto, segurando um refletor prateado redondo. Ela está à direita do primeiro plano, sobre dunas de areia, no horizonte há uma cadeia de montanhas. O céu é claro, de um azul muito intenso e com nuvens. A luz frontal, incide sobre o refletor.

Essa fotografia obtida em 2002 é a imagem mais presente em meus processos de trabalho. Venho desdobrando-a, projetando-a e fundindo-a com arquiteturas em diferentes contextos expositivos, como nas ruas de Porto Alegre e São Paulo, durante o projeto *Sobreposições Urbanas*, 2004/2005; nos corredores da Fundação Iberê Camargo, 2008, quando a intitulei *Observatório 2*; na fachada da Abadia de Saint Germain des Prés, e nas paredes da residência *Sam Art Projects*, ambas em Paris, 2010.

BETWEEN REST AND ISOLATION AND AREIAS BRANCAS

“While I created these works with photographs, objects, and space, I went through a flow of perception as if I was in transit, in an imaginary passageway. A place where I perceived a continuous protrusion throwing myself from one space to another in a flow of imprecise and ambiguous passageways. Passageways where one space is permeated by another.”¹

BETWEEN REST AND ISOLATION (2000)

In an apparently isolated, deserted place, inside a silver sleeping bag, are a woman and a child. A plongée framing closes on a sandy area, with no information other than some footprints and some dried branches in extremities. The yellowish light comes in from the top, at the left side of the picture, and is reflected by the silver fabric of the sleeping bag that surrounds both of them. She is with her head over her arm and a distant look; he is with his little arms up, has his face bent towards her, looking at her. My son will complete 25 years of age this year.

AREIAS BRANCAS (2002)

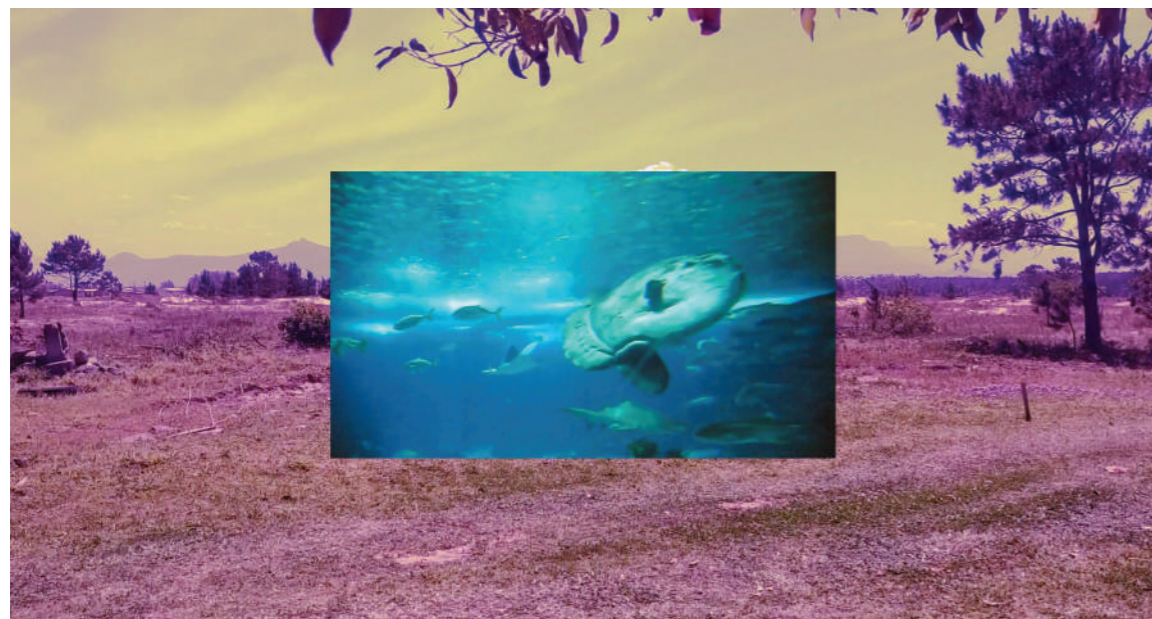
In the scene, a girl covers her face, holding a round silver reflector. She is on the right in the foreground, on top of sand dunes; at the horizon a mountain chain. The sky is clear, of intense blue and clouds. The front light shines on the reflector.

This picture, obtained in 2002, is the most present image in my work processes. I have been unfolding, projecting, and merging it to architectures in different exhibit contexts, such as the streets of Porto Alegre and São Paulo, during the project *Sobreposições Urbanas*, 2004/2005; in the corridors of the Iberê Camargo Foundation, in 2008, when I titled it *Observatório 2*; at the façade of the Abadia de Saint Germain des Prés, and the walls of the Sam Art Projects house, both in Paris, IN 2010.



ELAINE TEDESCO
Areias Brancas, 2002
Fotografia, 70 x 104 cm

ELAINE TEDESCO
Areias Brancas, 2002
Photography, 70 x 104 cm



ELAINE TEDESCO
Areias Brancas
 Duração: 00:02:22
 Imagens e edição: Elaine Tedesco
 Som: Scholzn "tunder in the mountains"
 (Creative Commons, Freesound)

ELAINE TEDESCO
Areias brancas
 Duration: 00:02:22
 Images and editing: Elaine Tedesco
 Sound: Scholzn "tunder in the mountains"
 (Creative Commons, Freesound)

Em 2022, minha sobrinha, que fez a ação, veio nos visitar para a passagem do ano. Fomos revisitar o local onde a fotografei, as dunas não existem mais.

As fotografias que apresento em "Incertezas em Gaia" foram capturadas com negativo 35mm, com uma câmera Leica, nos anos 2000 e 2002. São registros em lugares que frequentei por muitos anos. São colaboradores desses trabalhos Elcio Rossini, Maurício Rossini e Louise Tedesco Biz.

¹ Das considerações finais de minha dissertação de mestrado (2005).

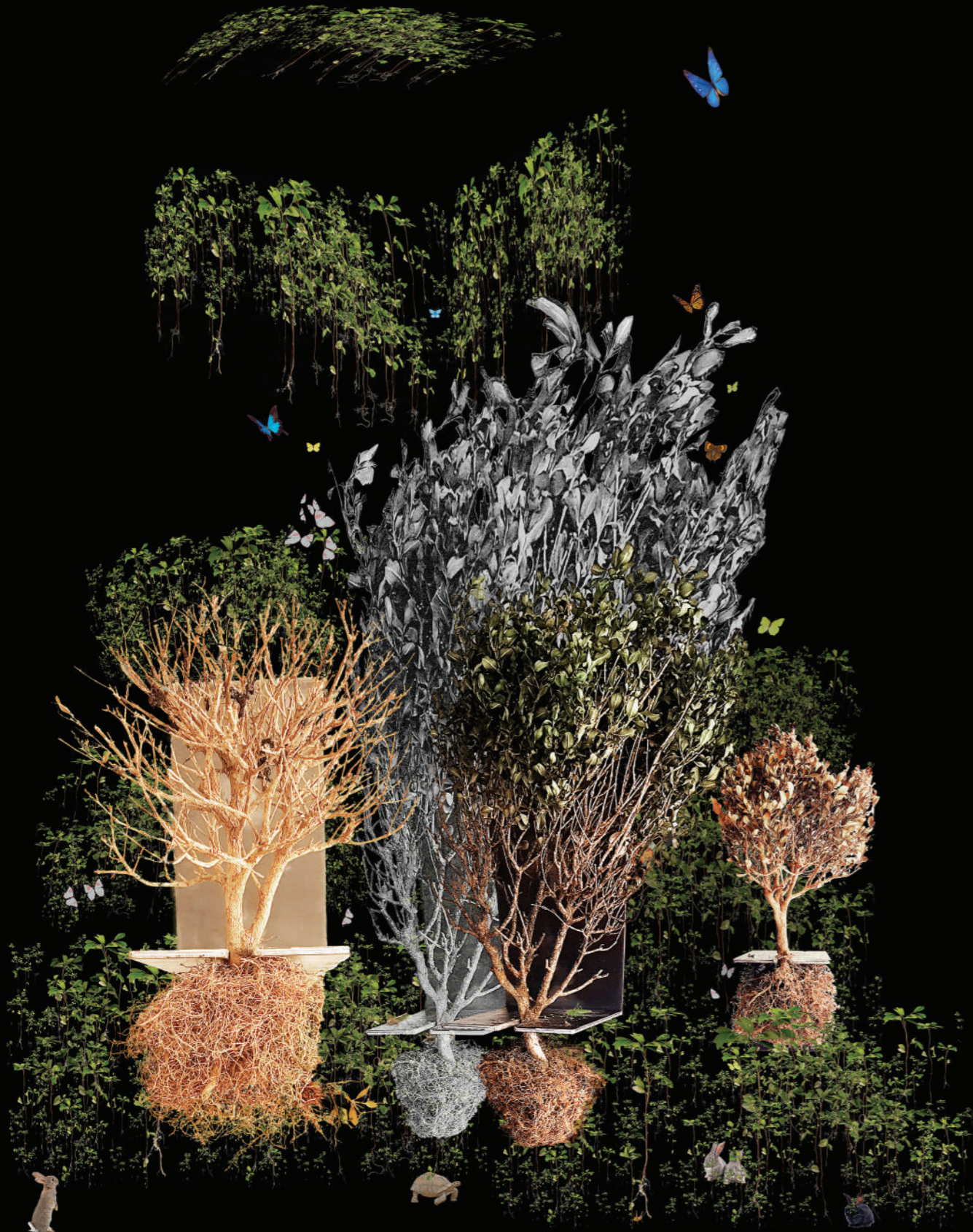
In 2022, my niece, who acted, came to visit for New Year's. We went to visit the place where I photographed her; the dunes no longer exist.

The photographs I present in "Incertezas em Gaia" were captured with 35 mm film, and a Leica camera, in the years 2000 and 2002. Those are pictures of places I used to frequent for many years. Elcio Rossini, Maurício Rossini, and Louise Tedesco Biz are collaborators in this work.

¹ From the final considerations of my Master's dissertation (2005).







SANDRA REY

HERBARIUM

A noção de experiência no ato de caminhar na natureza orienta os meus procedimentos em estúdio. O processo criativo envolve trocas constantes entre as derivas na experiência do caminhar e as experimentações orientadas por questões inerentes à arte, no trabalho de ateliê e estúdio. Essas trocas tecidas numa trama sempre aberta a novos desdobramentos suscitados pelos encontros e interações recíprocas entre sujeito e natureza.

A fotografia desdobra-se em dois regimes diferentes, no meu trabalho: como documentos de caminhadas na natureza, e como material para fazer arte e desenvolver projetos em estúdio.

Mover-se entre experiências e experimentações, desdobrar as experiências na natureza em experimentações em estúdio, e no ateliê, assim organizei minha prática artística inventando regras, procedimentos, e pesquisando tecnologias em um projeto balizado por três eixos: as caminhadas na natureza, os “arquivos de deslocamentos” constituídos pelas fotografias que registram passagens nos territórios atravessados, e as pesquisas e experimentações em estúdio, com base em edição e montagens através de processos digitais.

...

Ocorre que durante a pandemia parei de viajar e passei a cultivar com maior cuidado as plantas do meu jardim, no apartamento onde vivo. Comecei a prestar atenção nos inços que cresciam insistentemente nos vasos de plantas, apesar de removê-los frequentemente. E, ao arrancá-los, soltavam-se inteiros da terra, com folhas, caule e raízes. Quis registrar essas formas frágeis e delicadas e passei a fotografá-los.

Paralelamente, neste período de reclusão involuntária, vasculhava meus arquivos para rever as fotos armazenadas. Coletar as fotos tiradas nas caminhadas remete à tradição dos documentos de trabalho e dos cadernos de artistas, com anotações, diagramas e esboços que constituem referência para a realização de projetos. Esses arquivos virtuais, onde as fotografias são guardadas,

HERBARIUM

The notion of experience in the act of walking in nature guides my procedures in the studio. The creative process involves constant exchanges between the drifts in the walking experiences and the experimentations guided by issues inherent to art, in the work of the studio. Those exchanges are woven into a storyline ever open to new developments triggered by meetings and reciprocal interactions between subject and nature.

Photograph unfolds into two different regimes in my work: as documents of walks in nature and as material from which I create art and develop projects in the studio.

Moving between experiences and experimentations, unfolding experiences in nature into experimentations in the studio – that is how I organized my art practice, inventing rules, procedures and researching technologies in a project based on three pillars: nature walks, the displacements files consisting of photographs that register the territories crossed, and the experimentation researches at the studio based on edition and assemblies through digital processes.

...

It so happens that during the pandemic I stopped traveling and started cultivating carefully my garden plants, on the balcony of the apartment where I live. I started paying attention to the weeds that insisted to grow in my flower vases even though I was constantly removing them. When I pulled them out, they would come in one piece, with leaves, stem, and roots. I wanted to register these frail and delicate shapes and started to photograph them.

Concurrently, during this involuntary seclusion period, I was scavenging through my files to revisit the stored photos. Collecting photos taken in the walks refers to the tradition of work files and artists' notebooks, with notes, schematics, and sketches that make up the reference for the projects. These virtual files, where photographs are stored, – displacement files – hold the memories of the experiences in nature and consist of the

– arquivos de deslocamentos – retêm as memórias das experiências na natureza e constituem a matéria prima para o desenvolvimento de meus projetos. Organizar essas fotografias, agrupá-las, classificá-las é um processo complexo que ativa representações visuais dos percursos, percepções, sentimentos e pensamentos.

Nas idas e vindas entre memórias e tensões causadas pela pandemia, selecionei algumas fotos e passei a recortá-las, descontextualizando-as do ambiente em que foram fotografadas para formar novas imagens através de processos de montagens para obter grandes fotografias e edição de vídeos.

“Herbarium” é uma série de imagens e de animações realizados a partir de recortes de inços e de arbustos desidratados, encaixados em um suporte em aço cortem que criei. Ao separar as imagens do fundo, retirando as plantas de seus contextos, obtenho elementos que vou agenciar em montagens de múltiplas camadas, mesclando tempos e espaços distintos na mesma imagem, criando identificações e estranhamentos. Procedendo por repetições e acumulações de diversas imagens, entremeadas de planos e formas abstratas, quero sutilmente evocar a proliferação da natureza como um sistema de auto-organização altamente sofisticado e extremamente instável. E a persistência do humano em “domesticar” o meio ambiente para suas necessidades e ao seu bel prazer. A instalação apresentada em “Incertezas em Gaia” é composta de 3 imagens envoltas em caixas de acrílico, justapostas aos objetos que compõem os motivos das imagens, as arvorezinhas desidratadas suspensas pelo dispositivo de aço cortem. O vídeo, realizado com a valiosa colaboração do artista Manuel Siabato, é a animação lúdica de uma das imagens apresentadas.

Essa série de trabalhos, dos quais apresento uma pequena mostra na exposição, é imbuída da vontade de pensar os ecossistemas como construídos pelas diversas naturezas que determinam aquilo que a natureza possa vir a ser; a cultura tendo se tornado uma força interferindo nos processos biológicos, geológicos e climáticos do planeta, reconhecendo a prodigiosa criatividade dos seres vivos em moldar o seu próprio mundo tanto para o bem, quanto para o pior.

raw material for the development of my projects. Organizing these photographs, grouping, and classifying them is a complex process that triggers visual representations of the pathway, perceptions, feelings and thoughts. In the comings and goings between memories and stresses caused by the pandemic, I chose some photos and cut them, taking them out of the context where they were taken to make new images through a assembly processes to get larges photos and edit videos.

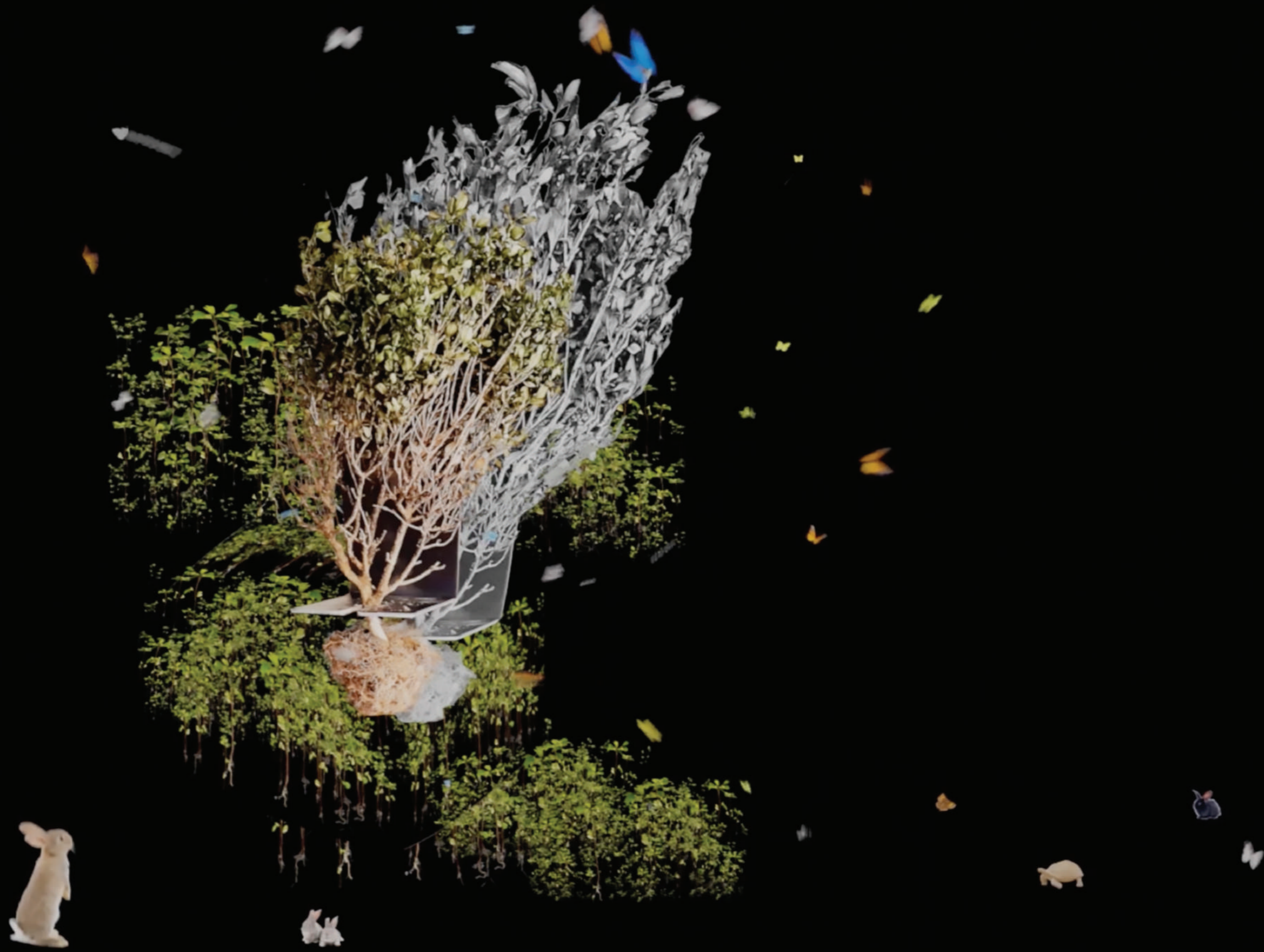
“Herbarium” is a series of images and animations created from clippings of weeds and dried bushes fitted to a weathering steel rack designed by me. When I remove the plants from their background, I obtain elements that I will apply in multi-layer assemblies, merging different periods and spaces on the same image, creating identities and strangeness. Proceeding with repetitions and accumulation of several images, interspersed with abstract shapes and plans, I want to subtly evoke nature’s proliferation as a highly sophisticated and extremely unstable self-organized system, and the human persistence to “tame” the environment into our needs and on a whim. The installation presented in “Uncertainties in Gaia” is composed of 3 images inside acrylic boxes presented with the objects that compose that compose the images’ motifs – the little trees dehydrated hanging by the steel device. The video, produced with the valuable collaboration of the artist Manuel Siabato, is a ludic animation of one of the presented images.

This series of works, of which I present a small sample in this exhibition, intends to think of an ecosystem built by several natures that determine what nature can become; culture becoming a strength that interferes in the planet’s biological, geological and climate processes, acknowledging the extraordinary creativity of living beings in shaping their own world for the good or for the worse.



SANDRA REY
HERBARIUM, 2021/2023 e JARDIM INFINITO, 2018
Fotografias, montagem digital, 110 x 90 cm,
Árvores secas e suporte em aço cortem, (duas peças)
60 x 30 cm

SANDRA REY
HERBARIUM, 2021/2023 e JARDIM INFINITO, 2018
photography/digital print, 110 x 90 cm,
dehydrated trees + corten steel support
60 x 30 cm





SANDRA REY
 com a colaboração de MANUEL SIABATO
 HERBARIUM, 2023, vídeo
 Duração: 00:02:18
 Centro Cultural da UFRGS

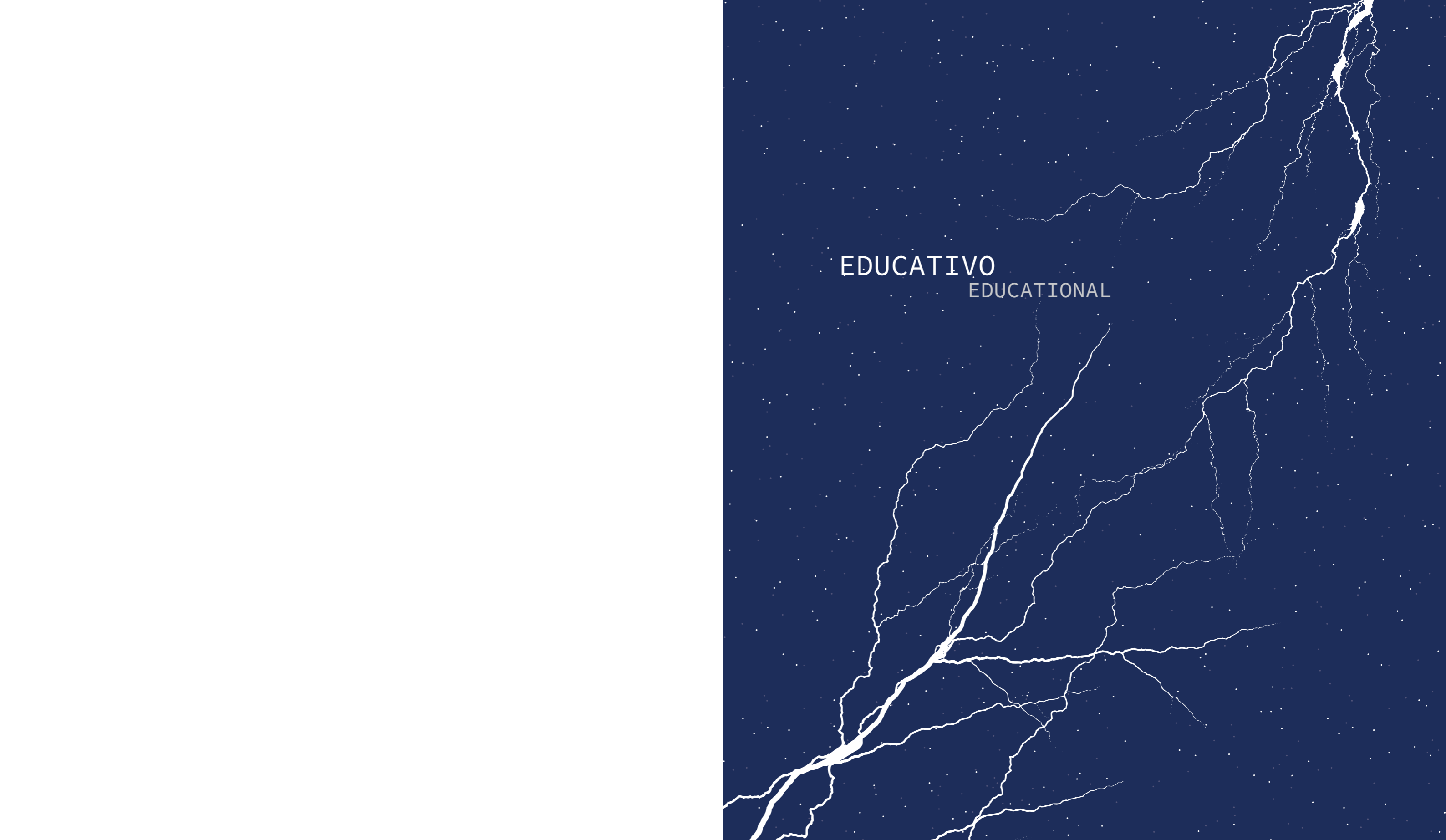
SANDRA REY
 with the collaboration of MANUEL SIABATO
 HERBARIUM, 2023, video
 Duration: 00:02:18
 Cultural Center of the UFRGS



SANDRA REY
 HERBARIUM, 2021/2023
 Fotografias, montagem digital
 110 x 90 cm

SANDRA REY
 HERBARIUM, 2021/2023
 Photography/digital print,
 110 x 90 cm

EDUCATIVO
EDUCATIONAL





OFICINA DE “PIGMENTOS NATURAIS”

No dia 16 de abril, a equipe do Educativo do Museu de Arte Contemporânea do RS realizou a oficina “Pigmentos Naturais”, ação educativa integrante da exposição “Incertezas em Gaia”, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Porto Alegre.

A oficina “Pigmentos Naturais” foi inspirada na exposição “Incertezas em Gaia”, em exibição no MACRS. A atividade teve como eixo central a produção artesanal de pigmentos naturais e a elaboração de pinturas, abrindo o diálogo para a investigação e as possibilidades de cores naturais que estão ao nosso redor. A partir de elementos acessíveis como a terra, o café e a beterraba, os participantes exploram um novo olhar sobre materiais de pintura.

A escola da rede pública municipal tem por objetivo prestar o atendimento especializado a adolescentes e jovens em situação de risco social e pessoal, ressignificando o espaço interno e externo destes jovens. Com a criação do Núcleo do Trabalho Educativo da EPA (1999), a escola passou a constituir um espaço de cidadania, onde a experiência de trabalho é vivenciada de forma autoral, crítica e solidária. Com essas ações, o setor Educativo do MACRS procura se aproximar de escolas, instituições e projetos sociais do entorno do museu, com o objetivo de tornar os espaços públicos como um recurso educacional, levando atividades voltadas à comunidade escolar da rede pública e particular, criando relações entre a arte, a educação e o acervo contemporâneo.

Ministrantes: Kamille Pederiva e Lucas Bairros

Local: Escola Municipal de Ensino Fundamental “Porto Alegre”.

WORKSHOP OF “NATURAL PIGMENTS”

On April 16, the educational team of the Contemporary Art Museum of RS held the workshop “Natural Pigments”, an educational action part of the exhibition “Uncertainties in Gaia”, at the Municipal School of Elementary School Porto Alegre.

The workshop “Natural Pigments” was inspired by the exhibition “Uncertainties in Gaia”, on display at MACRS. The activity had as its central axis the artisanal production of natural pigments and the elaboration of paintings, opening the dialogue for research and the possibilities of natural colors that are around us. From accessible elements such as earth, coffee and beetroot, participants explore a new look at painting materials.

The municipal public school network aims to provide specialized care to adolescents and young people in situations of social and personal risk, re-signifying the internal and external space of these young people. With the creation of the Nucleus of Educational Work of the EPA (1999), the school became a space of citizenship, where the work experience is lived in an authorial, critical, and supportive way. With these actions, the educational sector of MACRS seeks to approach schools, institutions, and social projects around the museum, to make public spaces as an educational resource, leading activities aimed at the school community of the public and private network, relations between art, education, and the contemporary collection.

Instructor: Kamille Pederiva e Lucas Bairros

Location: Municipal of Elementary School “Porto Alegre”.



OFICINA DE MONOTIPIA “RESGATE AO JARDIM”

No dia 26 de abril, o Museu de Arte Contemporânea do RS (MACRS) promoveu a oficina de monotipia “Resgate ao Jardim”, como ação educativa da exposição “Incertezas em Gaia”.

A partir de observações da obra Maperoá, da artista Nivalda Assunção, na qual a artista apresenta diversas peças em cerâmica que fazem alusão à sementes, folhas e e frutos do Cerrado, foi proposto aos participantes experimentações com elementos naturais que nos deparamos em nossas rotinas. Pensando que a conexão com Gaia está nas ruas, a partir do resgate de folhas, flores e gravetos, foi desenvolvida a proposta de montar jardins através de monotipias, um processo de impressão em uma única prova, que permite a criação de desenhos por contato, através da fricção de objetos.

Ministrante: Luci Pinheiro

Local: Sala de oficinas do Centro de Desenvolvimento da Expressão (CDE), Casa de Cultura Mario Quintana (CCMQ)

“ENCONTRO DE PROFESSORES”

No dia 6 de maio, o Museu de Arte Contemporânea do RS (MACRS) promoveu o “Encontro de Professores”. A partir dos apontamentos da exposição “Incertezas em Gaia”, a proposta do encontro idealizado por Julia Burger, coordenadora do projeto Educativo da exposição “Incertezas em Gaia”, e por Daniele Alana, coordenadora da equipe do Educativo do MACRS, buscou contribuir com a capacitação de professores e educadores, refletindo sobre as diversas crises do mundo contemporâneo, ambiental, político, econômico e social, e os parâmetros que norteiam o ensino sistemático diante das incertezas que nos rondam e culminam em questões emergentes, que necessitam de discernimento crítico para repensarmos o futuro. O encontro seguiu-se com a visita guiada à exposição, conduzida pela curadora Sandra Rey e a artista Tetê Barachini.

Ministrantes: Julia Burge, Daniele Alana, Sandra Rey, Tetê Barachini.

Local: Sala Sérgio Napp 1 e Galeria Xico Stockinger e Virgílio Callegari do MACRS, Casa de Cultura Mario Quintana (CCMQ).

MONOTYPE WORKSHOP “RESCUE GARDEN”

On April 26, the Museum of Contemporary Art of RS (MACRS) promoted the monotype workshop “Garden Rescue”, as an educational action of the exhibition “Uncertainties in Gaia”. From observations of the work Maperoá, by the artist Nivalda Assunção, in which she presents several ceramic pieces that allude to the seeds, leaves and fruits of the Cerrado, proposing to participants experiments with natural elements that we face in our routines. With the idea that the connection with Gaia is in the streets, from the rescue of leaves, flowers and sticks, was developed the proposal to assemble gardens through monotypes, a printing process in a single proof, which allows the creation of drawings by contact, through the friction of objects.

Instructor: Luci Pinheiro

Location: Workshop Room of the Expression Development Center (CDE), Casa de Cultura Mario Quintana (CCMQ)

“MEETING WITH TEACHERS”

On May 6, the Museum of Contemporary Art of RS (MACRS) promoted the “Meeting of Teachers”. Based on the notes of the exhibition “Uncertainties in Gaia”, the proposal of the meeting conceived by Julia Burger, coordinator of the Educational project of the exhibition “Uncertainties in Gaia”, and Daniele Alana, coordinator of the Educational team of MACRS, sought to contribute to the training of teachers and educators, reflecting on the various crises of the contemporary world, environmental, political, economic and social, and the parameters that guide systematic teaching in the face of the uncertainties that surround us and culminate in emerging issues, which require critical discernment to rethink the future. The meeting was followed by a guided tour of the exhibition, led by the curator Sandra Rey and the artist Tetê Barachini.

Instructors: Julia Burge, Daniele Alana, Sandra Rey, Tetê Barachini.

Location: Sérgio Napp Room and Xico Stockinger Galery and Virgílio Callegari Galery of MACRS, at Casa de Cultura Mario Quintana (CCMQ).

BIOGRAFIAS BIOGRAPHIES

ÉLIANE CHIRON (1942–2021)

Artista, crítica de arte, e escritora. Defendeu Tese de Estado na Universidade de Paris 1, Panthéon Sorbonne em 1991 e, desde essa data foi Professora na mesma instituição onde dirigiu o Centro de Pesquisas em Artes Visuais (CRAV). Sua pesquisa, centrada na prática artística, questionava o processo de criação e as mutações do olhar na era digital. Desenvolveu uma obra que cruzava fotografia, imagem digital e pintura. Deixou uma importante produção escrita composta de várias publicações que trouxeram importantes contribuições para a pesquisa em Artes Visuais. Publicou “L’énigme du visible, Poïétique des arts visuels”, pelas publicações da Sorbonne, em 2013, com prefácio de Jacques Leenhardt. Desde 1997, manteve estreita relação com o Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da UFRGS, onde colaborou com pesquisadores e estudantes, ministrou seminários e participou de exposições. Em 2019, a convite de Sandra Rey, participou da exposição “Cá e lá – UTOPOS” realizada no MACRS e, ao final da exposição, a convite do então diretor André Venzon, doou as obras à coleção do museu. As obras doadas, “Pétrole à Ipanema 1” e “Pétrole à Ipanema 2”, participam da exposição “Incertezas em Gaia”.

HALA AL KHALIFA

Hala Mohammed Al Khalifa é uma artista consagrada e figura cultural conhecida por seu engajamento positivo dentro da cena artística e cultural local e internacionalmente. Ela obteve Bacharelado em Fine Arts na Tufts University e The School do Museum of Fine Arts, nos Estados Unidos (1999), e o Master’s degree em Fine Arts na Slade School of Arts, UCL, Reino Unido (2002). Além de ensinar arte em nível universitário, ao longo de sua carreira, ela também ocupou vários cargos em instituições culturais tendo responsabilidades relacionadas com a promoção do panorama artístico, bem como a participação em iniciativas locais, regionais e exposições de arte internacionais como organizador e participante. A inspiração de seu trabalho reflete sua forte conexão com a terra natal, sua nação, e a identidade como uma mulher árabe do Bahrein acreditando na riqueza de sua herança, história e cultura. Sua força está positivamente presente ao aplicar roteiros estratégicos, criar e definir o tom para a infraestrutura cultural de seu país, sua programação e agendas educacionais. Ela acredita no papel das artes e da cultura no aprimoramento e esclarecimento das mentes dos jovens e de pessoas dentro de qualquer sociedade. Além disso, ela desenvolveu fortes laços em trabalhar sob a égide da

ÉLIANE CHIRON (1942–2021)

Was an artist, art critic, and writer. In 1991 she obtained the PHD degree in at the University of Paris 1, Panthéon Sorbonne and, since then, has been a professor at the same institution where she directed the Center for Research in Visual Arts (CRAV). Her researchs, centered on artistic practice, questioned the process of creation and the mutations of the gaze in the digital age. Her creative process was based in crossed photography, digital image and painting. She left an important written production composed of several publications that brought important contributions to research in Visual Arts. She published “ L’énigme du Visible, Poïétique des arts visuels”, at the Sorbonne in 2013, with a preface by Jacques Leenhardt. Since 1997, she has maintained a close relationship with the Postgraduate Program in Visual Arts at UFRGS, where she collaborated with researchers and students, ministered seminars and participated in exhibitions. In 2019, at the invitation of Sandra Rey, she participated in the exhibition “Cá e lá – UTOPOS” held at MACRS and, at the end of the exhibition, at the invitation of the then director André Venzon, donated the works to the museum’s collection. The donated works, “Pétrole à Ipanema” and “Pétrole à Ipanema 2” participate in the exhibition “Uncertainties in Gaia”.

HALA AL KHALIFA

Hala Mohammed Al Khalifa is an established artist and a cultural figure known for her positive engagement within the art and cultural scene both locally and internationally. She has obtained a bachelor’s degree in fine arts from Tufts University and The School of Museum of Fine Arts, in the United States (1999) and master’s degree in fine arts from the Slade School of Arts, UCL, United Kingdom (2002). In addition to teaching art at the university level over her career, she also held various positions in departments of arts, at cultural institutions that carried responsibilities related to the advancement of the artistic landscape, as well as taking part in local, regional an international art exhibitions as both an organizer and participant.Her inspiration reflects her strong and rooted connection to her homeland, her national identity as an Arab Bahraini woman believing in the wealth of her heritage, history and culture. Her strength is positively present when applying strategic roadmaps, creating, and setting.The tone for cultural infrastructure, programing, educational agendas, and community outreach. She believes in the role of arts and culture in enhancing and enlightening the minds of youth and people within any society. Furthermore, she has de-

cultura e da diplomacia, criando conferências, publicações e abrindo diálogo frutífero e engajamento entre pessoas que trabalham em nos campos da cultura e com jovens diplomatas. Na essência destes tipos de programas está o trabalho de criação de links, exposição e promoção de características únicas da nossa identidade nacional. Também está envolvida em vários projetos de consultoria, o que lhe permitiu usar suas habilidades e expertise para dar suporte a diversos temas, desde a criação de espaços expositivos, exposições, projetos de arte pública e desenvolvimento de conteúdo artístico. Sua forte afiliação com artista da região abre espaço para expor seus talentos em diversas plataformas.

SIHAM ISSAMI

Siham Issami é artista plástica e escritora radicada em Berlim, seu trabalho enfatiza as conexões entre Ciência, Arte, Literatura e Natureza. Ela estudou Matemática, Belas Artes e Teoria Musical. Ocupou vários cargos de responsabilidade no campo da arte e da cultura: Secretária-Geral do “Grand Prix de la Critique Littéraire” (Paris); Membro da Direção do Clube P.E.N francês e durante vários anos assessor do Ministro da Cultura marroquino (Rabat). Por seu trabalho sobre Nietzsche, ela recebeu uma bolsa na Kolleg Friedrich Nietzsche (Weimar). Ela foi duas vezes artista residente na Cité Internationale des Arts em Paris e foi a primeira a receber o French Creation Grant da Societé des Gens de Lettres de France (SGDL). É Co-fundadora e diretora do Orients Occidents Nexus, Berlin, Diretora da Cátedra ICESCO-OON Encounter & Transmission of Art & Knowledge Orients Occidents, Membro do Conselho Editorial do Journal for Artistic Research JAR, Membro da Society for Artistic Research in Germany (GKFD).

NIVALDA ASSUNÇÃO

Artista visual e arquiteta. É professora Associada no Departamento de Artes Visuais da Universidade de Brasília/UnB. É docente no PPG AV da UnB, orienta teses e dissertações em Poéticas Transversais. De 2003 a 2008 viveu em Paris, como bolsista da CAPES, para realização de doutorado em Arts et Science de L’art, Université Paris 1 (Panthéon-Sorbonne) e em 2015 realizou Pós-Doutorado pela École Nationale Supérieure d’Architecture de Paris-La Villette (ENSAPLV) – GERPHAU. Líder do Grupo de Estudos, Pesquisas e Práticas Artísticas, GEPPA/CNPq. Já apresentou seu trabalho em vários lugares. Pesquisa

veloped a strong ties in working under the umbrella of culture and diplomacy, creating conferences, publications, and opening fruitful dialogue and engagement between people working in the fields of culture and with young diplomats. At the essence of these types of programs is working to create links, exposure and promotion of characteristics that are unique to our national identity. She is also involved in various consultation projects, which allowed her to use her expertise to support various topics, from creating exhibition spaces and participations, public art projects, and artistic content development. Her strong affiliation with artist from the region makes way for exposing their talents in various platforms.

SIHAM ISSAMI

Visual artist and writer, born in Morroco and based in Berlin, her work emphasizes the connections between Science, Art, Literature and Nature. She studied Mathematics, Fine Arts and Music Theory. She has held various positions of responsibility in the field of art and culture: General Secretary of the “Grand Prix de la Critique Littéraire” (Paris); Member of the Board of the French PEN Club and advisor to the Moroccan Minister of Culture (Rabat) for several years. For her work on Nietzsche, she received a fellowship at the Kolleg Friedrich Nietzsche (Weimar). She was twice artist-in-residence at the Cité Internationale des Arts in Paris and was the first recipient of the French Creation Grant from the Societé des Gens de Lettres de France (SGDL). She is Co-founder and director of the Orients Occidents Nexus, Berlin, Head of the ICESCO-OON Chair Encounter & Transmission of Art & Knowledge Orients Occidents, Member of the Editorial Board of the Journal for Artistic Research JAR, Member of the Society for Artistic Research in Germany (GKFD). In December 2022 she won the price of the Europe-wide competition art and architecture / Kunst am Bau for her project 34 Stäbe.

NIVALDA ASSUNÇÃO

Visual artist and architect. She is an Associate Professor at the Department of Visual Arts at the University of Brasília / UnB. She teaches at UnB’s PPG AV, supervises theses and dissertations in Transversal Poetics. From 2003 to 2008 she lived in Paris, with a CAPES scholarship, to carry out a doctorate in Arts et Science de L’art, Université Paris 1 (Panthéon-Sorbonne) and in 2015 he carried out a Post-Doctorate at the École Nationale Supérieure d’Architecture in Paris -La Villette (ENSAPLV) – GERPHAU. Leader of the Study, Research and Artistic Practices Group, GEPPA/

artística relacionada com o corpo, a paisagem, principalmente a natureza por meio de caminhadas no cerrado e desvios em ações artísticas e instalações.

HUGO FORTES

Hugo Fortes é Artista Visual, Curador, Designer e Professor Associado da Universidade de São Paulo. Já apresentou seu trabalho em mais de 15 países, em locais como George-Kolbe Museum Berlin, Galerie Artcore Paris, Columbus State University USA, Paço das Artes São Paulo, Brasil, Video-brasil, Centro Cultural Recoleta, Argentina, Assam State Museum, India. De 2004 a 2006 viveu em Berlim, como bolsista do Serviço de Intercâmbio Acadêmico Alemão (DAAD), para realização de estágio doutoral. Em 2006 defendeu a tese “Poéticas Líquidas: a água na arte contemporânea”, que recebeu o Prêmio Nacional CAPES de Tese em Artes no Brasil. Em 2016 tornou-se livre-docente com a tese “Sobrevoos entre Homens, Animais, Tempos e Espaços: Pensamentos sobre Arte e Natureza”, na Universidade de São Paulo, onde atua como professor desde 2008. Sua pesquisa é voltada pelas relações entre arte e natureza, com destaque para questões relativas às florestas, aos animais e à água.

IRINEU GARCIA

Artista plástico e arquiteto, estudou na Escola de Belas Artes de Montevidéu e na Unisinos, Brasil. Foi Professor na Escola de Belas Artes da UFPel. Desenvolve trabalho artístico voltado para as inter relações com a natureza e preservação do meio ambiente. Atuou na criação e é o atual presidente do Instituto Yvy Maraey-arte e natureza, em Porto Alegre. Participou de inúmeros eventos internacionais de escultura, ganhando vários prêmios. Realizou exposições em museus e galerias no País e no exterior, onde suas obras se encontram em coleções públicas e privadas. Explora os mais diferentes materiais, como pedra, madeira, metal, resíduos, gelo e fogo, em obras de grandes dimensões, realizadas, muitas vezes, especificamente para determinados espaços abertos ao público. Artista original e de trânsito internacional, tem participado em eventos onde o contato e diálogo aberto com o público durante a realização das obras estimula sua criatividade.

TETE BARACHINI

Tetê Barachini ao longo do seu percurso como artista tem se dedicado a pesquisas e a realização de trabalhos com foco no objetual e suas relações com diferentes espaços e contextos. Para as suas produções tem optado por materia-

CNPq. She has presented his work in several places. Artistic research related to the body, the landscape, mainly nature through walks in the cerrado and detours in artistic actions and installations.

HUGO FORTES

Hugo Fortes is a Visual Artist, Curator, Designer and Associated Professor at the University of São Paulo. He has presented his work in more than 15 countries, in venues such as George-Kolbe Museum Berlin, Galerie Artcore Paris, Columbus State University USA, Paço das Artes São Paulo, Brasil, Centro Cultural Recoleta, Argentina, Assam State Museum, India. From 2004 to 2006 he lived in Berlin, with a scholarship from the German Academic Exchange Service (DAAD) for a PhD research stay. In 2006 he presented his PhD Dissertation “Liquid Poetics: water in contemporary art”, which was awarded with the CAPES National Award of Dissertation in Arts in Brazil. In 2016 he became full professor with the dissertation “Overflights between Men, Animals, Time and Space: Thoughts on Art and Nature”, at the University of São Paulo, where he works as a professor since 2008. His research focuses on art and nature, highlighting forests, animals and water.

IRINEU GARCIA

Visual artist and architect, he studied at the School of Fine Arts in Montevideo and at Unisinos, Brazil. He was Professor at the School of Fine Arts at UFPel. He develops artistic work focused on interrelationships with nature and environmental preservation. He worked on creation and is the current president of the Yvy Maraey-art and nature Institute, in Porto Alegre. He has participated in numerous international sculpture events, winning several awards. He held exhibitions in museums and galleries in the country and abroad, where his works are in public and private collections. He explores the most different materials, such as stone, wood, metal, waste, ice and fire, in large-scale works, often created specifically for certain spaces open to the public. An original and internationally-trafficked artist, he has participated in events where open contact and dialogue with the public during the making of the works stimulates his creativity.

TETE BARACHINI

Tetê Barachini, throughout her career as an artist, has dedicated herself to research and the production of works focused on objects and their relation to different spaces and contexts. For her productions, she has opted for flexible

lidades maleáveis e a inclusão recursos tecnológicos, entre eles as mídias locativas (GPS) para exploração dos espaços urbanos a fim de ressignificar mapas (geolocalização) tanto em ambientes virtuais, como nas apresentações presenciais considerando sempre possíveis interações com o outro (sujeito) e com o espaço urbano experienciado.

Desde 1986 participa de exposições coletivas e individuais no Brasil e no exterior e mantém publicações sistemáticas na área de artes. Atua como professora no Instituto de Artes da UFRGS na graduação e no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais e como coordenadora o Grupo de Pesquisa Objeto e Multimídia tem realizado uma série de ações e intervenções urbanas. Site pessoal: https://www.tb.art.br/

ELAINE TEDESCO

Artista visual e professora no Departamento de Artes Visuais, Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, onde atua na Graduação e Pós Graduação. Atualmente desenvolve o projeto de pesquisa Imagem movente, das ações com a câmera à instalação narrativa. Realizou residências artísticas (2014) Goethe-Institut, Berlim, Alemanha. (2010) SAM ART Projects, Paris, França. Tem obras em diversas coleções públicas. Participou de Bienais (2007) 52a. Biennale di Venezia, curadoria Robert Storr, Veneza, Itália. Bienal de Artes Visuais do Mercosul, Porto Alegre, V (2005) e II (1999). Exposições coletivas recentes (2022) *Hora de dançar*, vídeo e ações (1987-1990), MAC-RS. *80’S*, Fundação Vera Chaves Barcellos. *Interferências*, MAC do Paraná. *Matéria difusa* MAC-RS. *Haverá consequências*, Fundação Vera Chaves Barcellos. *Em Caso de Emergência*, MAC-RS. (2021 *Arte Contemporânea* RS, MAC-RS. *Acervo em Movimento*, Museu de Arte do Rio Grande do Sul. (2020) *Contemporary Art Ruhr, Video Lounge*, curadoria por Directors Lounge, Alemanha. (2019) *Ponto de não retorno*, MuNA, Museu, Uberlândia, MG. *Techne*, Verein Berliner Künstler, Berlim, Alemanha e Pinacoteca Aldo Locatelli, Porto Alegre.

SANDRA REY

Sandra Rey é artista plástica, curadora e pesquisadora. Doutora em Arte e Ciências da Arte pela Universidade de Paris I, Phantéon Sorbonne. Desenvolve processo artístico ancorado na relação arte-natureza, em articulação com pesquisas em fotografia e tecnologias digitais, operados em cruzamentos com procedimentos da pintura e do desenho que permitem expandir a imagem através de processos de montagem. Produz imagens em grandes e pequenos formatos, vídeos, instalações e objetos. Sua arte vem sendo consti-

materials and the inclusion of technological resources, among which are location media (GPS) to explore urban spaces aiming to give new meanings to maps (geolocation) both in digital environment and onsite presentations, always considering the possible interactions with the other (subject) and the experienced urban space. Since 1986 she has taken part in collective and individual exhibits in Brazil and abroad and maintains systematically publications in the field of arts. She is a teacher at the Institute of Arts of UFRGS in the undergraduate course and in the Graduate Program in Visual Arts, and is the head of the Research Group Object and Multimedia, where she carries a series of actions and urban interventions. Personal website: https://www.tb.art.br/

ELAINE TEDESCO

*Visual artist and professor at the Department of Visual Arts, Institute of Arts, Federal University of Rio Grande do Sul, where she works at the Undergraduate and Graduate levels. Currently develops the research project Imagem movente, from camera actions to narrative installation. Performed artistic residencies (2014) Goethe-Institut, Berlin, Germany, (2010) SAM ART Projects, Paris, France. She has works in several public collections. Participated in Biennales (2007) 52a. Biennale di Venezia, curated by Robert Storr, Venice, Italy. Bienal de Artes Visuais do Mercosul, Porto Alegre, V (2005) and II (1999). Recent group exhibitions (2022) Hora de dançar, video and actions (1987-1990), MAC-RS. 80’S, Vera Chaves Barcellos Foundation. Interferences, MAC do Paraná. MAC-RS. Diffuse Matter. There will be consequences, Vera Chaves Barcellos Foundation. In Case of Emergency, MAC-RS. (2021) *Contemporary Art RS, MAC-RS. Acervo em Movimento, Museu de Arte do Rio Grande do Sul. (2020) Contemporary Art Ruhr, Video Lounge, curated by Directors Lounge, Germany. (2019) Point of no return, MuNA, Museum, Uberlândia, MG. Techne, Verein Berliner Künstler, Berlin, Germany and Pinacoteca Aldo Locatelli, Porto Alegre.**

SANDRA REY

Sandra Rey is a visual artist, curator and researcher. PhD in Art and Art Sciences from the University of Paris I, Phantéon Sorbonne. She develops artistic process anchored in the art-nature relationship, in articulation with research in photography and digital technologies, operated at crossroads with painting and drawing procedures that allow expanding the image through assembly processes. She produces images in large and small shapes,

tuída com base na relação arte e vida, através de um projeto que articula prática artística na natureza com desenvolvimento de projetos em estúdio e reflexão teórica. Caminhadas na natureza, realizadas em reservas ecológicas, ilhas, desertos, florestas, e em lugares onde os elementos naturais predominam sobre os traços da cultura, constituem a base da prática e fundamentação teórica e filosófica de seu trabalho. Professora Convidada no Programa de Pós-graduação em artes Visuais da UFRGS, onde exerce docência, desenvolve pesquisa, orienta teses e dissertações, e dirige a “Cátedra Arte e Natureza, Processos Híbridos”, no Acordo Internacional entre ICESCO e UFRGS. Faz curadorias, participa de exposições, publica textos sobre pesquisas em arte, e possui obras em coleções públicas e privadas. É artista representada pela Galeria Mamute de Porto Alegre.

MANUEL SIABATO

MANUEL SIABATO colaborou com Sandra Rey na animação das imagens do vídeo Herbarium. É artista visual trabalhando com tecnologias de animação 3D, realizou filmes curta metragem e vídeos 360°, é Mestre de Conferências na Universidade de Toulouse2, École Nationale Supérieure d'Audio-Visuel (ENSAV), França.

videos, installations, and objects. Her art is based on the relationship between art and life, through a project that articulates art practice in nature with the development of projects in the studio and theoretical considerations. Walks in nature, taken in ecological reserves, islands, deserts, forests, and in places where natural elements overpower cultural traces consist in the basis of my work's practice and theoretical foundation. Visiting lecturer in the post-graduation program in visual arts of the UFRGS, where she teaches, develops research, supervises theses and dissertations, and holds the “Chair Arts and Nature, Hybrid Processes”, in the International Agreement between ICESCO and UFRGS. She curates, participates in exhibitions, publishes research articles on arts, and has some of her works as part of private and public collections. She is represented by the Galeria Mamute of Porto Alegre.

MANUEL SIABATO

Manuel Siabato collaborated with Sandra Rey on the animation of the images in the Herbarium video. He is a visual artist working with 3D animation technologies, directed short films 360° footage and videos, is Master of Conferences at the University of Toulouse2, École Nationale Supérieure d'Audio-Visuel (ENSAV), France.



FICHA TÉCNICA DATASHEET

AGRADECIMENTOS

MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA DO RIO GRANDE DO SUL
À Adriana Boff
Diretora

Às equipes do MACRS

À **ICESCO**
À Salim M. Almalik
Diretor Geral da ICESCO

À Mohamed Zinelabidine
Diretor do Departamento de Cultura e comunicação da ICESCO

UFRGS
Departamento de Difusão Cultural | Centro Cultural
À Lígia Petrucci
Diretora

À equipe do Departamento de Difusão Cultural

Secretaria de Relações Internacionais
À Carla Andrea Delatorre
Diretora

Instituto de Artes
À Raimundo Rajobac
Diretor
Jéssica Araujo Becker
Vice-diretora

Programa de Pós-graduação em Artes Visuais
À Tetê Barachini
Coordenadora
Niura Aparecida Legramante Ribeiro
Coordenadora substituta

MUSEU DE ARTE DO RIO GRANDE DO SUL
À Francisco Dalcol
Diretor

INSTITUTO YVY MARAVEY
À Irineu Garcia
Presidente
À Maria Amélia Bulhões

ESTÚDIO ZAGO
À Fernando Zago

Aos artistas participantes da Cátedra Arte e Natureza, Processos Híbridos

Aos alunos do Instituto de Artes, participantes do Projeto Educativo

EXPOSIÇÃO

Coordenação Geral e Curadoria
Sandra Rey

Artistas
Éliane Chiron
Hala Al Khalifa
Siham Issami
Nivalda Assunção
Irineu Garcia
Hugo Fortes
Tetê Barachini
Elaine Tedesco
Sandra Rey

Produção Executiva
Sandra Rey
Elaine Tedesco
Teresinha Barachini
Thais Ueda

Identidade Visual
Sandra Rey
Thais Ueda

Site e Redes Sociais
Sandra Rey
Thais Ueda
Elae Dorneles (Bolsista)

Projeto Pedagógico
Julia Burger (Coordenação Geral)
Daniele Alana (Coordenação Macrs)

Monitores
Christian Neis Rodrigues
Jon Grimm Guedes
Julia Krise De Jesus
Letícia Gabriela Dieder Werle
Luciana Pinheiro Medeiros
Munique Barcellos Silveira
Thayse Casa Nova

CATÁLOGO

Organização
Sandra Rey

Textos
Apresentação:
Mohamed Zinelabidini
Raimundo Rajobac
Adriana Boff

Curadoria:
Sandra Rey

Depoimentos de artistas:
Eliane Chiron
HaLa Al Khalifa
Siham Issami
Nivalda Assunção
Irineu Garcia
Hugo Fortes
Tetê Barachini
Elaine Tedesco
Sandra Rey

Projeto Gráfico
Thais Ueda

Capa
Foto: Sandra Rey
Ilustração: Kjpgargeter para Freepik
Design: Thais Ueda

Fotografia
Fernando Zago
(pag. 24,26,27,28,29,30,31,40,43,51,53,54,57,61,62,65,67,71,72,73,75,77,79,93)

Thiago Trindade
(pag. 29,34,35,37,80,81)

Frames de vídeos cedidos pelos artistas

Vernissage e Making off:
Carlito Bicca, Elaine Tedesco, Sandra Rey, Tetê Barachini, Thiago Trindade

Educativo:
Aline Costa, Daniele Alana, Gisa Oliveira, Lucas Bairros

Traduções
Francês/Português: Sandra Rey
Português/Inglês: Sigmas Tradução e Interpretação - www.sigmas.com.br

Revisão
Sandra Rey

ICESCO – ORGANIZAÇÃO DO MUNDO ISLÂMICO PARA A EDUCAÇÃO, AS CIÊNCIAS E A CULTURA

Diretor Geral
Dr. Salim M. Almalik

Diretor do Departamento de Cultura e Comunicação
Dr. Mohamed Zinelabidine

CÁTEDRA ARTE NATUREZA PROCESSOS HÍBRIDOS ICESCO & UFRGS

Representante da Icesco na UFRGS e Diretora
Sandra Rey

Coordenadora
Teresinha Barachini

Vice-Coordenadora
Elaine Tedesco

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS

Coordenadora
Teresinha Barachini

Coordenadora Substituta
Niura Aparecida Legramante Ribeiro

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL GESTÃO 2020 – 2024

Reitor
Carlos André Bulhões Mendes

Vice-Reitora
Patrícia Helena Lucas Pranke

Pró-Reitora De Extensão
Adelina Mezzari

Vice Pró-Reitor de Extensão
Eduardo Cardoso

INSTITUTO DE ARTES

Diretor
Raimundo Rajobac

Vice-Diretora
Jéssica Araújo Becker

DIRETORA DO DEPARTAMENTO DE DIFUSÃO CULTURAL | CENTRO CULTURAL DA UFRGS

EQUIPE DDC
Centro Cultural da UFRGS
Ana Laura Freitas
Edgar Heldwein
Guilherme Baldez
Hodo Figueiredo
João Vitor Novoa
Marcia Menegat
Paulo Ricardo Gomes
Rafael Derois
Vladimir Ferreira

ALUNOS-BOLSISTAS DDC
Centro Cultural da UFRGS
Ana Beatriz Vieira
Andressa Guedes Da Silva
Ariadne Soares
Emília Mandaji
Franchesca Coppola
Larissa Lunge
Leonardo Miguel Ramos
Loua Pacom
Manoela Couto
Maria Luiza Figueira
Nicolas Collar
Tiago Gasperin
Victor Souza
Vitor Cunha

MACRS

Governador
Eduardo Leite

Vice-Governador
Gabriel Souza

Secretária de Estado da Cultura
Beatriz Araujo

Secretária de Estado Adjunta Da Cultura
Gabriella Meindrad

Diretora Artística e de Economia Criativa
Ana Fagundes

Diretora IEAVI | MACRS | CDE
Adriana Boff

Curadoria e Produção
Mel Ferrari (coordenação)
Jordi Tasso
Leonhard Bravo

Educativo
Daniele Alana (coordenação)
Kamille Pederiva
Lucas Bairros

CDE
Vladimir Cavalheiro (coordenação)
Ceila Oliveira

Comunicação
Aline Costa (coordenação)
Gisamara Oliveira

Setor de Acervo
Izís Abreu (coordenação)
Ana Paula Krämer
Bruna Martin
Maria Luiza Mello

Comitê de Acervo e Curadoria
Camila Monteiro Schenkel
Fernanda Albuquerque
Jaqueline Beltrame
Mariane Rotter
Rommulo Vieira Conceição

ASSOCIAÇÃO DOS AMIGOS DO MACRS
Presidente
Maria Fernanda Santin

Diretora Técnica Cultural
Jaqueline Beltrame

Diretor Financeiro
Luis Wulff Junior

Diretor de Captação E Compliance
Fabiano Machado Rosa

Diretor Institucional
Sandra Echeverria

Diretor de Marketing
Manoel Petry

Diretora de Comunicação
Mônica Kanitz

Conselho Fiscal
Adriana Giora
Márcio Carvalho
Mario Francisco Dorfmann

Relações Públicas
Gabriela Pegorini

Equipe de Segurança
Adelmo
Allan Cristian dos Santos
André Estigarríbia Barros
Carla Regina De Fraga Erreira
Celso Lauriano Oliveira Ferreira
Claudio Joveci Leite Da Silva
Claudio Luis Corrêa Bicca
Elisamara Amaral Sartori
Fernanda Nunes Laufer

Giovana dos Santos Corange
Jean Michel dos Santos Marques
José Felipe Saldanha dos Santos
Karoline Marchiele Becker
Kennet Anderson Silva da Costa
Luciano Antônio Garcia
Luis Antônio Mota Rodrigues
Luisa Maria Alves Witt
Thamires Campos Rocho
Wagner Rocha Fonseca

Equipe de Limpeza
Carmen Regina Fernandes
Deise Cristiane Dos Santos
Flávia Katiane Porto De Fraga
Franciele de Oliveira Dutra
Janaina Santana
Karina Mendes Camacho
Luciane Oliveira Gulart
Maíara Prestes Lopes
Thais Garcez Carvalho
Vicentina Gonçalves Furtado

REALIZAÇÃO



الإسلامية العالمية للتربية والعلوم والثقافة
ISLAMIC WORLD EDUCATIONAL, SCIENTIFIC AND CULTURAL ORGANIZATION
ORGANIZAÇÃO ISLÂMICA MUNDIAL PARA EDUCAÇÃO, CIÊNCIAS E CULTURA



CÁTEDRA
ARTE & NATUREZA
PROCESSOS HÍBRIDOS
ICIESCO UFRGS



UFRGS
UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL

macrss
MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA
DO RIO GRANDE DO SUL



GOV.RS
NOVAS FAÇANHAS
NA CULTURA

APOIO DA EXPOSIÇÃO



INSTITUTO DE ARTES

aamacrss
ASSOCIAÇÃO DOS AMIGOS DO
MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA
DO RIO GRANDE DO SUL



Goethe
INSTITUT
Sprache. Kultur. Deutschland

ARMAZÉM
da
MIDRESSA



APOIO INSTITUCIONAL



Agência de
Latois e
Espaço
Cultural
Dante Albuquerque

bento
ambientes

CAF
CAMPUS ARTS FOUNDATION

capella

(lima)

Centro de
Desenvolvimento
da Expressão

CHRISTINE LORIO
ARQUITETURA &
ENGAJAMENTO

**EDUARDO
ASSMANN**
ARQUITETURA

publicato
DESIGN
COMERCIAL
PUBLICIDADE

VZ
CULTURAL

CASA
DE CULTURA
**MARIO
QUINTANA**

CDE CENTRO DE
DESENVOLVIMENTO
DA EXPRESSÃO

ieavi
INSTITUTO ESPECIAL DE ARTE VISUAL

